



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

THANITY SILVA DE ANDRADE

MEMÓRIAS DA DECOLONIALIDADE? ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES
SOBRE A EXPOSIÇÃO *PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960*

MONOGRAFIA

BRASÍLIA
2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AMS33mm Andrade, Thanity Silva de
MEMÓRIAS DA DECOLONIALIDADE? ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES
SOBRE A EXPOSIÇÃO PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960 /
Thanity Silva de Andrade; orientador Clóvis Carvalho Britto.
-- Brasília, 2019.
73 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de
Brasília, 2019.

1. Exposição PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960. 2.
Museologia Decolonial. 3. Sociomuseologia. 4. Bogotá. 5.
Museu afrocolombiano. I. Carvalho Britto, Clóvis, orient.
II. Título.

THANITY SILVA DE ANDRADE

**MEMÓRIAS DA DECOLONIALIDADE? ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES
SOBRE A EXPOSIÇÃO *PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, junto à Faculdade de Ciência da Informação como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Museologia, sob a orientação do Professor Dr. Clóvis Carvalho Britto.

**BRASÍLIA
2019**



FOLHA DE APROVAÇÃO

*Memórias da decolonialidade? Algumas problematizações sobre a exposição
"Presença negra em Bogotá (1940-1960)"*

Aluna: Thanity Silva de Andrade

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Clóvis Carvalho Brito

Clóvis Carvalho Britto - Orientador
Professor da Universidade de Brasília (UnB)
Doutor em Sociologia - UnB

Deborah Silva Santos

Deborah Silva Santos - Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em História – PUC/SP

Marcos Vinicius L. Queiroz

Marcos Vinicius Lustosa Queiroz – Membro
Aluno da Pós – Graduação em Direito
Mestrado em Direito - UnB

Edileuza Penha de Souza– Suplente
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutorado em Educação - UnB

Brasília 18 de janeiro de 2019.

DEDICATÓRIA

*Aos meus
inspiradores, suportes, heróis
e ancestrais. Meus pais, meus
avós e meus irmãos.*

AGRADECIMENTOS

Neste curto espaço, quero deixar minha gratidão a todas e todos que me ajudaram fortemente nesse percurso. Não só na graduação, mas em todas as conquistas que vieram junto dela, destaco aqui a presença da professora Maria Zuleide Vieira de Sousa, que possibilitou o meu sonho de realizar um intercâmbio, à potencialização do que posso alcançar: minha aprovação no mestrado de Museologia na Universidade Federal da Bahia.

Em cada uma dessas fases, estavam meus pais, com certo receio das viagens e preocupações quanto a minha independência que veio antes que eles se dessem conta disso. Do meu nascimento até hoje, tive todo cuidado e preocupação. Sou a filha mais velha, mas sempre cuidada como a mais nova em razão das minhas dificuldades cognitivas consequentes de uma crise convulsiva ao nascer.

Desde esse dia, minhas limitações estavam postas. Meu fracasso por muitos era dito nas entrelinhas de palavras negativas ou de baixo incentivo.

Ao meu lado, minha irmã do meio (Wendy), sempre me ajudou a percorrer cada série, cada dificuldade numa redação ou numa matéria de história. Foi bastante custoso. Eu sempre levei o dobro, talvez o triplo, do tempo para fazer algo. Mas sempre fiz. E aos poucos, fazendo tudo no meu tempo, cheguei à graduação. Falaram que eu não daria conta, mas continuei me esforçando. Dentro disso veio o intercâmbio, acharam também que eu não ficaria até o final. Enganaram-se outra vez. E, quando acharam que eu estava no “limite”, me incentivaram ao mestrado. Eis que também alcancei esse lugar.

As minhas avós, Lina Rodrigues Pereira (materna) e Adaltiva Rodrigues de Sousa (paterno); a minha mãe Maria Aparecida Pereira da Silva e a minha querida irmã Wendy Silva de Andrade, pela nossa sororidade e por me inspirarem na caminhada.

Aos meus avôs Eleoterio Rodrigues da Silva (mãe) e Manuel Pereira de Andrade (pai), meu pai Gilmar Pereira de Andrade e ao meu querido irmão Marlon Silva de Andrade, que contribuíram de forma significativa nos frutos colhidos.

Ao meu grande amigo, Corneille Midokpe Fabrice Alodji, pelo nosso afeto e carinho que cultivamos e por ter sempre me apoiado nos meus êxitos pessoais, profissionais e acadêmicos.

Agradeço ainda aos meus amigos do ciclo acadêmico, de espaços de encontros dos movimentos sociais e estudantis, aos que não estão nestes meios e que apostaram nos meus sonhos e aos que já se foram.

As amigas, amigos e colegas do Grupo de Estudos Afro Centrado (GEAC), estas foram pioneiras, pois me apresentaram os teóricos e os pensamentos negros que estão presentes/ausentes na academia, pelos debates realizados às quartas-feiras no horário do almoço. Menciono alguns que perpassaram nos encontros de reflexões: Abayomi Mandela Silva Felix, Aduino Aprígio dos Santos Júnior, Alban Aminou Zossou, Amanda Balbino Pereira, Cristiane Damacena Gonçalves de Oliveira, Gehovany Limeira Figueira, Hallana Moreira Ramalho da Costa, Hislla Suellen Moreira Ramalho, Karolyne Antunes de Souza, Khalil César Santarém da Silva, Leandro Bulhões, Leonardo Ortegá, Lorena Monique Cirino dos Santos, Marcelo Fernandes Rocha, Nakiely da Costa Arantes, Paique Duques Santarém, Vitor Alessandro Veiga Salazar, Vitória Russel, entre outras e outros.

Ao Grupo de artistas do Instituto Metamorfose de São Sebastião-DF, a Dona Madalena e ao Chico Metamorfose, junto com as (os) *metamorfofes ambulantes*, por terem me apresentado fontes de conhecimentos artísticos, a desenvolver habilidades, técnicas pelas telas e em muros da cidade.

Ao conhecimento interdisciplinar produzido pela universidade, mediante aos diálogos com pessoal do *QG/Módulo 09* e companhia: André da Engenharia Mecânica, Belinha e Barbára, Bruno, Douglas, Isabella, Kayo Vaz, Joabe, Lorraine, Kamila, Renata e Matias, do curso de Física; Guilherme da Biologia; Maria José Lisboa, da Contabilidade, e Richard da Química.

Aos Rondonistas da equipe da UnB, pelas parcerias de apoio realizadas em conjunto durante a ação que foi executada na Operação Tocantins no município de Marianópolis – do Projeto Rondon: Lição de Vida e Cidadania – pelas amizades conquistadas após o projeto. *Uma vez Rondon, sempre Rondonista*, Antonio Rêgo da Silva Júnior, Franciely de Oliveira Ancelmo, Giulia da Silva Miranda, Kennya Nayane Torres, Naira Jamille Silva Araújo, Rafaela Alves da Silva, Rayane Silva dos Santos.

Ao Programa de Portadores de Necessidades Especiais (PPNE), pelo amparo e suporte aos estudos acadêmicos, inclusive pelos tutores, sendo estas (es): Amanda da Costa Soares, Marina Itabaiana de Moraes, Thais Ferreira, Pedro Benassi Santos, Pâmela Bernardino, Tailane Fonseca, Ana Carolina Valadares. Outras amigas, que não foram meus tutores, mas que me auxiliaram nesta jornada, Alessandra Cavalcante

Oliveira, Rosânia Oliveira do Nascimento, Rayane Silva dos Santos, Daniela Demathei Valle.

As amigas, amigos e colegas que me acompanharam neste trabalho durante o intercâmbio na Colômbia, em especial ao aquilombamento formado por Carlos Alberto, Daniela Lima, Mariana Barbosa, Marcos Vinícius Queiroz, Fernanda Siani, Denise Cruz, Daniela Nunes. A Daniela Cristina Cardoso, que partilhamos momentos de cumplicidade obtidos numa casa em Bogotá, onde moramos.

Ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Artes da Universidade Nacional da Colômbia; a direção; aos professores e aos colegas da turma; bem como os outros suportes que a Universidade me proporcionou durante os meus seis meses de intercâmbio na Colômbia.

Ao meu psicólogo Alexandre Costa Neto, do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP/UnB), que contribuiu no meu processo de formação pessoal, em mediar: os meus processos de angústias e traumas instáveis, os autoconhecimentos, as valorizações pelas conquistas. Sobretudo, por ter me motivado a alçar voos altos em direção aos meus anseios e sonhos.

Ao meu orientador prof. Dr. Clóvis Carvalho Britto por ter aceitado ao meu pedido de orientação, por ter compartilhado comigo seus conhecimentos sobre o campo museal e ensinamentos interdisciplinares, ademais por acreditar no nosso projeto e persistido até o fim pela pesquisa. Agradeço também, à professora Me. Deborah Silva Santos e ao Me. Marcos Vinícius Lustosa Queiroz, por terem considerado o meu convite para comporem a banca de avaliação do meu Trabalho de Conclusão de Curso; além de terem participado de forma significativa na minha evolução acadêmica.

Tenho consciência que, existem muitos nomes que não foram mencionados, aos quais citei aqui, desde já peço desculpas, mas sei que todas e todos que me conhecem, sabem realmente da minha história e jornada. Também, são cientes do quão são *importantes* na caminhada dessa jovem. Desde já, aqui vão minha gratidão, honra por cada uma (um) que contribuiu, e faz parte, dessas bagagens nos singelos 26 anos de vida. Meu sincero e grandioso obrigada!

**MEMÓRIAS DA DECOLONIALIDADE? ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES
SOBRE A EXPOSIÇÃO ‘PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960’**

Autora: Thanity Silva de Andrade

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar, no âmbito do campo museológico, as formas de representação de negros e negras na exposição temporária *Presencia Negra en Bogotá: 1940 – 1960* - especificamente, sob o ponto de vista dos estudos decoloniais na área da Sociomuseologia.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia Decolonial; Sociomuseologia; Bogotá; Museu afrocolombiano.

**MEMORIAS DE LA DECOLONIALIDAD? ALGUNAS
PROBLEMATIZACIONES ACERCA DE LA EXPOSICIÓN *PRESENCIA
NEGRA EN BOGOTÁ: 1940 - 1960***

Autora: Thanity Silva de Andrade

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo investigar, en el ámbito del campo museológico, las formas de representación de negros y negras en la *exposición Presencia Negra en Bogotá: 1940 - 1960*- específicamente, desde el punto de vista de los estudios decoloniales en el área de la Sociomuseología.

PALABRAS CLAVE: Museología Decolonial; Sociomuseología; Bogotá; Museo afrocolombiano.

**MEMORIES OF DECOLONIALITY? SOME PROBLEMATIZATIONS ON
THE EXPOSURE *BLACK PRESENCE IN BOGOTÁ: 1940 - 1960***

Author: Thanity Silva de Andrade

ABSTRACT: The present work has the aim of investigating within the field of museology, the various forms blacks are represented in temporary exhibition *Presencia Negra en Bogotá: 1940 – 1960* especially from the point of view of decolonial studies in the area of sociomuseology.

KEY WORDS: Decolonial Museology; Sociomuseologia; Bogotá; Afro-Colombian Museum.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAEP/UnB	Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLCULTURA	Instituto Colombiano de Cultura
DEX	Departamento de extensão da Universidade de Brasília
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estatística
DMPC-	Direção de Museus e Patrimônio Cultural
ETNOVIS-	Etnologia Visual do Negro no Cinema
GEAC-	Grupo de Estudos Afrocentrados
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
INT/UNB-	Intercâmbio Acadêmico pela Assessoria de Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília
PROIC-	Programa de Iniciação Científica
UFBA-	Universidade Federal da Bahia
UNAL-	Universidade Nacional da Colômbia/ <i>Universidad Nacional de Colombia</i>

LISTA DE IMAGENS / FIGURAS

Figura 1:	Migração, Glória Mina Cambindo. Graduação Universidad Libre de Colombia.	44
Figura 2:	Identidade, retratados por Cristobal Valdemar e Belkys Peña.	46
Figura 3:	Espaços de encontro, José Leomar Vargas Vásquez (direita) junto com seus colegas de trabalho	47
Figura 4:	Representada por César Torres y Basilia Balanta Cortés	49
Figura 5:	Vida cotidiana, representada por Leda Mina Cambindo (terceira da esquerda a direita)	50
Figura 6:	Balanço, Carmen Serna Velésquez e seu filho Julio Antonio Copete	52
Figura 7:	Fotografia da sala do meio da exposição	54
Figura 8:	Fotografia da entrada da Exposição	54
Figura 9:	Expografia em 2D	55
Figura 10:	Expografia em 3D	55
Figura 11:	Site <i>Semana</i> com Divulgação da Exposição <i>Presencia Negra...</i>	62
Figura 12:	Vídeo de entrevista ao professor Maguemati para o Canal Capital.	62
Figura 13:	Exposição no prédio da Faculdade de Ciências Humanas da Unal – <i>Sede: Bogotá</i>	63
Figura 14:	Matéria de Opinião - Jaime Arocha	63

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	6
LISTA DE IMAGENS / FIGURAS	13
INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1: TEORIA DA DECOLONIALIDADE	27
1.1 <i>Teoria decolonial: o giro decolonial e a desobediência epistêmica</i>	27
1.2 <i>Decolonialidade e o Afrodiaspórico: o contexto</i>	29
Capítulo 2: MUSEOLOGIA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA	35
2.1. <i>Os museus e a museologia em Bogotá: Mesa de Santiago e museologia social</i>	35
2.1- <i>Notas sobre a museologia colombiana</i>	38
2.3- <i>Da população afrocolombiana e sua representação nos museus</i>	40
Capítulo 3: ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO <i>PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940-1960</i>	43
3.1 <i>Contexto da realização da exposição</i>	43
3.1 <i>Avaliação técnica sobre a expografia</i>	57
3.2 <i>Repercussões gerais acerca da obra</i>	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
APÊNDICE	70
APÊNDICE A - Autorização de entrevista de Mercedes Angola (via vídeo conferência) .	70
APÊNDICE B - Autorização de entrevista de Carlos Diazgranados Cubillos	71
APÊNDICE C - Autorização de entrevista de Edmon Castell	72
APÊNDICE D - Autorização de entrevista de William Lopes	73

INTRODUÇÃO

MEMORIAL ACADÊMICO

A escolha pelo curso de Museologia se deu pela minha afinidade às áreas de cultura, história e arte. Antes de a graduação começar, imaginava que estudaria conteúdo voltado para o campo artístico e cultural. Na disciplina de Introdução a Museologia percebi que o curso não seguia para essas áreas. Era ministrada pela Profa. Deborah Santos. Ela nos passou um exercício que questionava quantos museus havia em Brasília e o texto sobre os Gabinetes de Curiosidade (POSSAS, 2005). Esse texto me marcou muito porque eu não sabia que o ato de colecionar originariam as coleções de objetos, que resultariam na origem dos museus. Com a professora Deborah, também tive a oportunidade de participar de um PROIC como bolsista pelo CNPq e com o artigo publicado: “Negros nos Museus: Algumas reflexões a partir de um levantamento bibliográfico”.

Nas disciplinas sobre arte e história, me encontrei pelos debates que os textos me proporcionava, além da maneira como os docentes os conduziam com tanta propriedade. As minhas favoritas foram: História da Arte no Brasil, ministrada pelo prof. Dr. Nelson Inocencio; Introdução à História, que foi ministrada pelo Ricardo Marques de Mello; e História Social e Política do Brasil, ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo Balaban. Gostei tanto das bases que essas me proporcionaram que depois cursei as seguintes disciplinas: Elementos de Linguagem, Arte e Cultura Popular também pelo Prof. Dr. Inocencio; História da África, pela Profa. Dra. Selma Pantoja e; Estudos Afro-brasileiros, pelo prof. Dr. Antônio Carlos Alexandre.

Na disciplina de Museologia e Comunicação 2- MC2, ministrada pela Profa. Me. Elizângela Carrijo foi uma relação de amor e ódio ao mesmo tempo. Afinal, nos fins de algumas aulas, manifestavam se em minha mente os teóricos da comunicação mais as crises existenciais, as quais procurava sana-las nas sessões de terapias, acompanhadas pelo profissional Alexandre. Contudo, foi nessa matéria que aprendi a ler e interpretar os textos, saber sobre: quem era o autor; o contexto em que viveu; os motivos da utilização (ou não) de determinadas premissas para embasar certos argumentos. Uma lembrança que eu tenho dessa disciplina foi quando eu tirei uma nota abaixo da média e fui questionar a respeito com a Professora Elizângela Carrijo, que me orientou a buscar disciplinas voltadas para prática da escrita, já era meu ponto fraco. Por

mais que, tivesse obtido aptidão para os exercícios solicitados por Carrijo, descobri nessa prova, que não sabia transpor minhas ideias para o papel, mesmo dominando o conteúdo. Hoje me pergunto: Como ela me influenciou a refletir: tanto sobre as epistemologias? Nas maneiras em que podemos pensar; por quais vias construímos argumentos e articulamos-os com um raciocínio lógico? Ressalto que, frequentemente, a mestre incentiva à turma a beber em outras fontes de conhecimentos que a universidade oferecia, a fim de ampliarmos ao máximo as vivências interdisciplinares.

Neste sentido, passei a querer a viver intensamente a UnB, buscava sempre estar nos debates, nas palestras, nos movimentos estudantis, tudo que eu via e que pudesse fazer para adquirir conhecimentos, mergulhava, passei a cursar disciplinas de outros departamentos e faculdades dos *campi*. Nessas buscas, conheci e comecei a participar do GEAC, que tinha por objetivo estudar textos de autoras (es) negras (os) ou outras (os) sobre as populações negras.

Em Museologia e Comunicação 03 com o professor Matias Monteiro, a turma deveria escolher um tema para montar uma exposição para ser executada no semestre seguinte, em museologia e comunicação 04. Dentre as sugestões dos colegas de turma minha sugestão foi falar sobre alguma demanda do povo preto, mas eu não sabia do recorte. O prof. Matias me sugeriu que eu falasse sobre o cabelo, porque querendo ou não, a turma trabalharia como os corpos negros são vistos na sociedade, dentre outras questões. A turma da qual eu fazia parte era em sua maioria composta por pessoas brancas, por isso, eu realmente acreditava que o resultado da votação seria qualquer tema, menos sobre uma abordagem racial. Por fim da decisão, a proposta sobre as madeixas foi aceita pela maioria dos votos. A exposição foi *Capilaridades: entre fios, raízes e identidades negras*, executada em 2016.

Durante a pesquisa para apresentar a proposta e durante a montagem da exposição, me descobrir mais sobre o meu lugar enquanto mulher preta, e observei que as luzes que eu usava no cabelo não passavam de uma imposição social e que eu nunca havia me perguntado por que eu usava o cabelo daquela cor. A partir de então, comecei a militar buscando disciplinas com o conteúdo voltado para a questão da situação do negro no Brasil. Nisto, acabei cursando a matéria de Pensamento Negro Contemporâneo, ministrada pela Profa. Dra. Ana Luiza Pinheiro Flauzina. Posteriormente, continuei os estudos acerca da questão racial, sendo duas vezes monitora da disciplina de Pensamento Negro Contemporâneo, a primeira ministrada pelo Prof. Dr. Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos Santos, ofertada pelo

Decanato de Extensão - DEX. A segunda, com a Profa. Dra. Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos, junto com o professor (*Big*) Richard Santos.

À vontade e a inquietação de aprender sobre o povo preto, veio também depois de cursar a disciplina de Etnologia Visual do Negro no Cinema – ETNOVIS, ofertada pelo Departamento de Extensão - DEX e ministrada pela a Profa. Dra. Edileuza Penha de Souza, aqui pude ampliar mais minha visão de como a imagem dos corpos negros estão inseridos nos meios audiovisuais. Pude também sentir, perceber, conhecer um pouco sobre o conceito de quilombo nos dias de hoje e o quanto está atrelado ao cuidado. Participar desta disciplina me proporcionou uma vivência ímpar.

Outra experiência, que me marcou foi ter tido a oportunidade de participar do Projeto de Extensão Projeto Rondon - Operação Tocantins. Na ocasião, fui ao município de Marianópolis com um aluno, sete alunas e dois professores; onde também conheci aos componentes e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa experiência foi importante, porque fiquei 17 dias fora de casa, convivendo com pessoas que eu nunca havia visto. Para, além disso, vi o quanto é relevante esse projeto para nós estudantes, tendo em vista que tive a oportunidade de plantar sementes nos corações de alguns moradores daquele município e de ter a expectativa de que ali terá uma plantinha fruto dessa interação.

Minha iniciativa em buscar conhecimentos novos na Academia continuou, no início do ano letivo de 2017, procurei um (a) docente para me orientar no Programa de Iniciação Científica (PROIC). Nesta jornada de investigação, colegas e amigos me recomendaram a professora que coordenava o projeto de Extensão *Afro-Atitude*, Joelma Rodrigues da Silva. Ao nos encontramos, disse que estava aberta a novas propostas, então sugeri que trabalhássemos com o Centro Cultural do Quilombo Mesquita. Fiquei bastante satisfeita e executei as etapas para inscrever-me no programa, com isso contei com a ajuda da professora Deborah Santos com referências bibliográficas da Museologia.

O projeto em questão pretendia apresentar as atividades museológicas que o Centro de Memória do Quilombo Mesquita desenvolve. Comecei a trabalhar com o assunto quilombola, percebi o quanto é extremamente delicado executá-lo tendo em vista que, os quilombos, são territórios étnico-raciais negros formados por uma coletividade com trajetórias históricas próprias. São locais que contém ancestralidade negra de resistência às diversas formas de opressão. Segundo Rafael Sanzio Anjos, “o

quilombo foi uma reconstrução e elaboração concreta de um tipo de território africano no ‘novo espaço’ denominado Brasil”. (ANJOS, 2007, p. 345).

Em continuidade do projeto, iniciei a temática da monografia. Entretanto, houve uma pausa nesse processo no 2º/2017, ocasião em que fui aprovada no processo seletivo de Intercâmbio Acadêmico pela Assessoria de Assuntos *Internacionais (INT/UnB)* em convênio com a *Universidad Nacional de Colombia, sede Bogotá*. No processo eu poderia optar pelos países Argentina, Chile, Colômbia e Uruguai. Classifiquei-os pelo ranking das universidades em cada país e na América Latina e também pela relação das instituições com questão política racial. No final do meu critério, havia dúvidas entre Colômbia por ser uma diáspora africana e Uruguai pela questão política de movimentos sociais fortes. Então fui de #Thanitynacolômbia¹ por ser o segundo país, depois do Brasil, com maior concentração de negros na América do Sul.

Uma vez na Universidade Nacional da Colômbia - *sede Bogotá*, foi recepcionada pela Faculdade de Artes onde realizei duas disciplinas, sendo uma da pós-graduação e outra de módulo optativa da graduação. A primeira *Museología I* faz parte do programa de *Maestría de Museología y Gestión del Patrimonio*, onde pude ter aulas com professores colombianos e de fora do país. E na Faculdade de Direito, cursei a disciplina de *Multi-culturalismo & Derechos*.

Durante minha estadia em Bogotá, frequentei alguns museus e como eu já vinha trabalhando com uma perspectiva racial pude observar que, estes, ao apresentar em suas expografias a questão de etnias, eram com um viés mais indígena do que sobre a população negra. Era uma situação me causava certo desconforto e eu por horas indagava meus colegas de sala sobre esta diferenciação. Porém, suas respostas não eram suficientes para tantos questionamentos. Depois, em uma conversa com o professor da universidade² explanei o conflito e ele comentou sobre museus e exposições com abordagens racial, sendo o ponta pé inicial para o meu objeto de estudo. Posto isto, quando soube da exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960* me identifiquei e por isso vi o quanto é relevante falar.

¹Campanha do site ‘Vakinha On-line’, utilizada para concretizar o meu processo de intercâmbio, realizado no 1º semestre de 2018.

² Edmon Castell Ginovart é geógrafo e museólogo. Mestrado em Museologia do Departamento de Antropologia pela Universitat de Barcelona (UB). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em *Museología y Gestión del Patrimonio* pela Faculdade de Artes da *Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá*.

No final do século XX, a Nova Museologia no contexto dos movimentos sociais, impulsionou os museus acompanharem as demandas da sociedade. Dessa forma os museus se voltaram para as comunidades, para que reforcem suas perspectivas identidades e necessidades. Percebe-se essa ideia na Declaração de Santiago do Chile, em 1972, os museus devem integrar-se mais a comunidade, estreitando-se as relações pela exposição.

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, [...]. (MOUTINHO, 2009, p. 7-8).

Na década de 90, os países da América Latina passaram por uma postura política de (re) constituírem seus Estados no regime democrático, porém a implantação deste novo sistema não causou mudanças significativas contra as precarizações do sistema-mundo coloniais, em relação à população inserida em tal condição. (PRIMO, 2009):

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades específicas do museu, tais como a colecção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais. (Declaração de Caracas, 1992, *apud* PRIMO, 2009, p. 15).

Essas práticas e reflexões do campo museológico, sobretudo no espaço geopolítico em que foram realizadas, tiveram relevâncias para os países da América Latina. Nesse trabalho serão colocados sob o contexto social e histórico da Colômbia, a fim de refletir sobre em quais circunstâncias estão localizados os debates sobre a população nos museus colombianos.

Segundo Claudia Mosquera *et al.* (2002)³, os afrocolombianos, formalmente livres a partir de 1851 (abolição da escravatura), foram transferidos - segundo a visão das elites - do lugar de escravizados ao lugar de subcivilizados, ao lugar em que a cor de

³Tradução nossa do original: Los afrocolombianos, formalmente libres a partir de 1851, fueron trasladados -según la visión de las elites- del lugar de esclavizados al lugar de subcivilizados, al lugar en que el color de la piel se asoció a atraso, a semisalvajismo, a una situación que sólo podría ser redimida a través de la intensa mezcla con el elemento europeo civilizador(...). Los lugares y las regiones habitadas por las gentes de ancestro africano fueron y continúan siendo sometidos al generalizado abandono del Estado, a la carencia de infraestructura mínima, de servicios públicos, de salud, de educación. (MOSQUERA *et al.*, 2002, p. 16).

pele se associou ao atraso, ao semi-selvagem, a uma situação que só podia ser redimida através da intensa mistura com o civilizador europeu, bem como, os lugares e as regiões habitadas por pessoas de ancestralidade africana que foram e continuam sendo submetidos ao generalizado abandono do Estado, a carência de infraestrutura mínima, de serviços públicos, saúde e educação. (MOSQUERA *et al.*, 2002).

Ainda nessa mesma discussão, segundo a socióloga colombiana Claudia Mosquera *et al.* (2002), com o final da escravização, os negros na Colômbia, ao serem considerados como “cidadãos”, buscaram alternativas de sobrevivência como pessoas, famílias e grupos. Dentre elas as migrações generalizadas - a partir do século XVIII e mais depois da abolição - até regiões que não havia grupos de poder político e econômico, como na Costa do Pacífico. Assim, os afrocolombianos se instalaram e construíram suas vidas em terras legais considerada pela Nação como inutilizadas. (MOSQUERA *et al.*, 2002).

Para Mosquera (*et al.*, 2002), em meados do século XX, a região da Costa do Pacífico começa a ter interesses econômicos e os afrocolombianos instalados naquela região veem suas propriedades ameaçadas, já que não possuíam nenhum aparato legal para assegurar-lhes as terras. Com isso, os camponeses negros, apoiados pela Igreja e por setores indígenas que obtinham a mesma insegurança agrária, se reuniram e participaram, no início da década de 1990, da discussão da nova Constituição, aprovada em 1991⁴, e logo na redação da Lei 70 de 1993.⁵ (MOSQUERA *et al.*, 2002).

Patrícia Marques (2018) destaca que em discussões sobre a importância da visibilidade e reconhecimento legal para os afrodescendentes, em que traz a

⁴ Segundo Hernando Londoño (2010), a “Reforma Constitucional de 1991 reconheceu o Estado-nação colombiano como pluriétnico e multicultural”. (LONDOÑO, 2010, p. 261)
Segundo José Maurício Arruti (2000:95), “A Constituição colombiana de 1991 notabilizou-se pelo fato de ter reconhecido, de uma forma praticamente inédita, a natureza pluriétnica e multicultural da sua nação, dando um lugar específico tanto às comunidades indígenas, quanto às comunidades negras. Tal reconhecimento veio acompanhado ainda de uma nova política fundiária, que pode levar ao reconhecimento de quase um quarto do território nacional como “resguardo indígena” (cerca de 2% da população colombiana), assim como institui uma nova figura de direito territorial, que beneficia as comunidades negras rurais (cerca de 10% a 12% da população).”

⁵ Para MOSQUERA; PARDO; HOFFMANN (2002:31), “a Lei 70 de 1993 de comunidades negras, é um avanço em relação a invisibilidade e ao reconhecimento legítimo da última década, como presságio para os afrodescendentes da região da costa Pacífica colombiana.” Na mesma direção, José Maurício Arruti (2000:96), “(...) uma aliança negro-indígena, apoiada em outros segmentos políticos, permitiu a aprovação do artigo constitucional transitório no. 55, que previa a criação de uma Comissão especial para redigir o projeto de lei que regulamentaria os direitos territoriais das comunidades negras rurais da costa do Pacífico. Vindo no sentido de regulamentar esse artigo, a lei 70, de 1993, define as ‘comunidades negras’ como ‘o conjunto de famílias de ascendência afrocolombiana que possuem uma cultura própria, compartilham de uma história e têm suas próprias tradições e costumes dentro da tradição campo-povoado e conservam consciência de identidade que as distingue de outros grupos étnicos’.”

contribuição de Córdoba (2017), na qual apresenta a migração forçada dos africanos, que tiveram suas vidas condicionadas às violências do sistema escravagista. Ademais, “A Colômbia, (...) é [o país] considerado o terceiro em número de população negra fora da África, depois dos Estados Unidos e Brasil.” (CÓRDOBA, 2017, p. 258 *apud* MARQUES, 2018, p. 14).

Segundo Patrícia Marques (2018), a distribuição geográfica do país está relacionada com as condições sociais, econômicas e culturais:

Existem as regiões Andinas, as costas litorâneas do Pacífico e do Caribe e a Amazônia. A primeira é formada por uma maioria considerada branca e mestiça; a segunda, por aqueles povos considerados mestiços e negros; e a última, por indígenas. (MARQUES, 2018, p.42).

A autora ainda complementa, com base em Wade (1997), que as categorias dos grupos étnicos afrocolombianos possuem suas autodeclarações e maneiras de identificações que diferem uma das outras. O Ministério da Cultura da Colômbia assim define:

Os e as afrocolombianos(as) /negros(as) são alguns dos descendentes de africanos e africanas – provenientes de diversas regiões e etnias da África – que chegaram ao continente americano na qualidade de escravos [...] palenqueros(descendentes dos cimarrones⁶ que fugiram e constituíram palenques, residências anticoloniais, fortificadas e isoladas nas que se concentraram como escravos livres) e raizales (descendentes da mestiçagem entre indígenas, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e africanos, nas ilhas caribenhas de San Andrés, Santa Catalina e Providencia. (Ministério da Cultura, *apud* MARQUES, 2018, p. 2).⁷

Assim, pretende-se trazer reflexões sobre a exposição que apresenta a representatividade negra, sendo a mostra *Presencia Negra en Bogotá: 1940 - 1960* realizada na *Universidad Nacional de Colombia - sede Bogotá*. Neste sentido, compreende-se que a Colômbia enquanto um país de diáspora passou e passa por dificuldades em inserir os indivíduos não brancos no processo de formação na criação e constituição do seu Estado-Nação. Tendo em vista que hoje são regiões que reverberam a desumanização desses corpos negros.

Em suma, o objetivo deste trabalho é investigar no âmbito do campo museológico de que maneira a população negra está sendo apresentada nas exposições

⁶ Equivalem à descendência de quilombolas.

⁷ Tradução de Marques (2018).

de museus colombianos, especificamente, sob o ponto de vista dos estudos decoloniais na área da Sociomuseologia, tendo a exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940 – 1960* como plataforma de análise.

Para tal, a metodologia será: levantamento bibliográfico para verificar como negros/as estão representados na exposição em questão; entrevista com os curadores do processo expositivo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório.

Pretende-se apresentar conceitos de autoras (es) que pensam a Museologia em uma perspectiva decolonial. Ademais, este trabalho se encaixa no eixo temático 3, Museologia, Patrimônio e Memória, pertencente ao curso de Museologia. O que impulsionou a realização deste trabalho foi a necessidade de se debater a ausência de produções nas áreas da Museologia, Museologia Social e do Movimento da Nova Museologia sobre o contexto dos museus na América Latina.

Ao buscar as referências decoloniais é importante não perder de vista, alguns elementos que estão entranhados nas teias dessa reflexão, lançando-se assim umas indagações: Em que proporções estes teóricos decoloniais estão ou não sendo fieis com o próprio projeto decolonial? De que maneira esta teoria permite, e como permite dialogar com autoras negras e autores negros ou contribui para um silenciamento? Ou seja, intelectuais negros não são utilizados como acessórios ao pensamento decolonial?

Tais questionamentos surgiram como possibilidades a serem trabalhados no campo da Museologia, em específico na Sociomuseologia. Portanto, a reflexão na perspectiva decolonial seguiu o movimento intelectual que questiona a ideologia pautada nos padrões hegemônicos brancos - coloniais, nos quais a instituição museu foi criada.

Neste viés Walsh (2007), num texto sobre decolonialidade apresenta os povos indígenas e afrodescendentes como um projeto que foi arquitetado pelo sistema do colonialismo e do moderno, com isso sendo categorizado como “outro” (p. 50):

Representa, na mudança, uma configuração conceitual, uma ruptura epistêmica baseada no passado e no presente, vividos como realidades de dominação, exploração e marginalização, que são simultaneamente constitutivas, como consequência do que Mignolo denominou modernidade/colonialidade. (WALSH, 2007, p. 50, tradução nossa).⁸

⁸Tradução nossa do original: “Representa, en cambio, una configuración conceptual, una ruptura epistémica que tiene como base el pasado y el presente, vividos como realidades de dominación, explotación y marginalización, que son simultáneamente constitutivas, como consecuencia de lo que Mignolo ha llamado modernidad/colonialidad.” (WALSH, 2007, p. 50).

Tendo em vista que não se trata, especificamente, de referenciar os aportes teóricos vindos do hemisfério norte, principalmente da Europa, mas sim compreender como essa cultura tornou-se naturalizada, Quijano (2007) nos diz que:

Trata-se da perspectiva cognitiva produzida no longo tempo do conjunto do mundo eurocêntrico do capitalismo colonial/moderno, e que naturaliza a experiência das pessoas nesse padrão de poder. Ou seja, faz perceber como natural, conseqüentemente, como dado, não suscetível de ser questionado. (QUIJANO, 2007, p. 94).⁹

Decerto a relevância deste trabalho deu-se em vários âmbitos. A princípio, antes da minha ida para Colômbia, em uma conversa com a minha orientadora naquele momento, Ana Lúcia Abreu, pensamos algumas possibilidades para a monografia, sendo uma delas, trabalhar com alguma abordagem ligada à museologia social com recorte racial colombiano. Em segundo lugar, na Universidade havia uma quantidade baixa de estudantes negros - racismo institucionalizado, dificuldades de fazer oficinas/debates/ diálogo com os estudantes do *campus* sobre as condições da população negra enquanto corpos diaspóricos; nas aulas das disciplinas de graduação e do mestrado, ao abordarmos a questão étnica, havia uma qualidade de debate produtivo ao falar sobre os povos indígenas, porém, quando era sobre a população negra quase não aprofundaram. Em terceiro lugar, buscar através de pesquisas em sites, por professores da Faculdade de Artes e por colegas da classe de mestrado sobre museus afrocolombianos em Bogotá, não obtive êxito. Aprofundadamente, em uma conversa com o professor Edmon Castell em que apresentei sobre minhas angústias acadêmicas sobre ausências de objeto de estudo, ele instigou-me em escrever sobre a exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940 – 1960*.

⁹Tradução nossa do original: “Se trata de la perspectiva cognitiva producida en el largo tiempo del conjunto del mundo eurocentrado del capitalismo colonial/moderno, y que naturaliza la experiencia de las gentes en este patrón de poder. Esto es, la hace percibir como natural, en consecuencia, como dada, no susceptible de ser cuestionada.” (QUIJANO, 2007, p. 94).

A exposição foi resultado de uma pesquisa realizada em 2010 e início de 2013, sob coordenação da professora Mercedes Angola¹⁰, negra e pelo professor Maguemati Wabgou¹¹, negro. Teve sua inauguração no dia 05 de novembro de 2013 e finalizada no dia 05 de março de 2014, em salas do Museu *Claustro de San Agustín*¹².

A exposição foi organizada pela Faculdade de Artes, pela Faculdade de Direito e pela Direção de Museus e Patrimônio Cultural (DMPC) da Universidade Nacional da Colômbia (U.N.C.). Contou com a liderança do professor Edmon Castell Ginovart¹³ e sua equipe de trabalho, bem como os apoios da Designer Gráfica Clara Forero Murillo na realização do guia museográfico e do Museólogo Carlos Diazgranados Cubillos no Design da Identidade¹⁴.

A exposição teve como objetivo apresentar as experiências de pessoas negras que migraram para a capital do país, Bogotá, entre os anos de 1940 e 1960. A exposição foi composta pelos seguintes elementos: a) por fotografias (50) emprestadas de famílias de afrocolombianas (os); b) por vídeos (25) que continham fragmentos de conteúdo

¹⁰**Julia Mercedes Angola Rossi** (Bogotá, Colômbia) - artista plástica, docente e pesquisadora vive e trabalha em Bogotá. Possui graduação em Artes Plásticas na Universidade Nacional da Colômbia, Mestrado em Artes Plásticas e Visuais na Universidade Nacional Autônoma do México. Tem participado de exposições individuais e coletivas na Colômbia e fora do país. Desde 1997 está vinculada a Escola de Artes Plásticas da Universidade Nacional da Colômbia e desde 2009 ao Mestrado em Museologia e Gestão do Patrimônio. Seu trabalho artístico e de investigação incluem instalações, objetos fotografia, desenho e curadorias. É integrante do Grupo de Pesquisa sobre Imigração e Desterritorialização. Atualmente está desenvolvendo uma linha de pesquisa sobre estéticas e representações visuais da gente negra na arte colombiana do século XX e sobre imaginários da presença africana em relação com a construção de identidades em contextos urbanos colombianos. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 10).

¹¹**Maguemati Wabgou** (africano do Togo) - Docente pesquisador do Departamento de Ciência Política, Faculdade de Direito, Ciências Políticas e Sociais, Universidade Nacional da Colômbia. Graduado em Licenciatura em Sociologia pela *Université du Benin* (Lomé, Togo). Doutorado em Sociologia e Ciência Política da *Universidad Complutense en Canadá*. É integrante do *Grupo de Estudios Afrocolombianos* (GEA) do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nacional da Colômbia. Ademais é líder do Grupo de Pesquisa sobre Migrações e Desterritorializações. Possui interesse relacionados aos temas de África, política internacional, relações internacionais, desterritorialização, relações e Intersecções de classe, raça, etnia, gênero e redes sociais; diáspora africana Latina nas Américas; negritudes e afrodescendências; temáticas sobre os quais tem publicado vários artigos e livros. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 10).

¹²O Museu *Claustro de San Agustín* é uma edificação de um conjunto colonial construído no início do século XVIII. Atualmente é um espaço administrado pela Universidade Nacional da Colômbia com o objetivo de desenvolver um Sistema de Patrimônio Cultural e Museus (SPM), hoje Direção de Museus e Patrimônio Cultural (DMPM).

¹³É geógrafo e museólogo. Mestrado em Museologia do Departamento de Antropologia pela Universitat de Barcelona (UB). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em *Museología y Gestión del Patrimonio* pela Faculdade de Artes da *Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá*.

¹⁴DIAZGRANADOS CUBILLOS, Carlos Nicolás. **Los libros de visita**, herramientas para conocer los públicos. Maestría thesis, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. 2015. 197 p.; FORERO MURILLO, Clara Victoria. **Aproximación al Patrimonio Fotográfico**: Tres Acciones Participativas. Maestría, thesis. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. 2014. 150 p.

discursivos das pessoas entrevistadas; c) por uma memória fotográfica que exhibe uma seleção de imagens das pessoas mencionadas com breves descrições sobre elas; e d) um livro de pesquisa que apresenta os resultados analíticos dos discursos recorridos.

Segundo Carlos Diazgranados Cubillos (2015) em sua tese, nesta mostra buscava dar visibilidade a comunidade afrocolombiana da época referida, em torno de seis eixos temáticos: a migração, a identidade, os espaços de encontro, a moda, a vida cotidiana e o balanço. Sobre a divulgação da exposição, nos primeiros meses da exposição tiveram mais visitantes já que havia um trabalho mais forte na divulgação e extensão com atividades paralelas que apoiaram a exposição, como debates, mostras de cinema, palestras, entre outras.

Como havia passado o período da exposição, restavam os seus documentos para realizar a análise que aqui será apresentada. O principal documento para esta análise foi o catálogo, que registrou os seis eixos temáticos, com imagens fotográficas e relatos. Além disso, no Mestrado em Museologia havia material de arquivo e de disciplina, que pode ser usado para ter uma noção do que foi a exposição. No mestrado duas dissertações trataram da mesma temática: a da museóloga Clara Victoria Forero Murillo e do museólogo Carlos Diazgranados Cubillos, que trabalharam com os materiais de divulgação e sites. Infelizmente, no período do intercâmbio, não tive acesso ao projeto expográfico, mas realizei entrevistas com a parte da equipe curatorial, são eles, a professora Mercedes Angola (por vídeo conferência), com o professor Edmon Castell, que trabalhou na produção da exposição e o museólogo Carlos Diazgranados Cubillos, que participou no design da identidade e o diretor do Programa de Mestrado da Faculdade de Artes, Willian Lopes, este não teve participação direta na exposição, porém acompanhou de perto os procedimentos da mesma. Nestas entrevistas, foram feitas cinco perguntas pontuais, sendo elas:

- a) O que recordam da exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960*?
- b) Quais foram as dificuldades?
- c) Como avalia a exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960*?
- d) Qual profissão ou função exerceu durante o período da exposição?
- e) Quais foram os pontos fortes e pontos fracos?

De posse destas respostas e com a construção de outros argumentos relacionados à compreensão da exposição, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está assim

organizado: o primeiro capítulo trata sobre a Teoria da decolonialidade, o segundo, sobre a Museologia Social na América Latina e no terceiro, faço uma Análise da exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960*. Como em todo trabalho, ainda que de forma inconclusiva, apresenta as Considerações Finais e as Referências, além de oito Apêndices, que foram necessários produzirem para as reflexões aqui apresentadas.

Capítulo 1: TEORIA DA DECOLONIALIDADE

1.1 *Teoria decolonial: o giro decolonial e a desobediência epistêmica*

Ao pesquisar exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960*, ocorrida em 2013-2014, em Bogotá-Colômbia, optou-se por discutir a representação da população negra, sob o ponto de vista dos estudos decoloniais e na área da Sociomuseologia. Não se tem aqui a intenção de esgotar os debates e as disputas epistemológicas que perpassam as ciências sociais. No entanto para entender esta proposta é preciso fazer uma breve revisão sobre os conceitos que envolvem a teoria da decolonialidade e assim compreender como ela pode contribuir para pensar a Museologia, a memória e a representação dos negros nos museus. Cabe destacar, que tal debate é pauta da crítica ao eurocentrismo que tem imperado sobre a América Latina, junto das forças dos movimentos sociais que lutam contra esta hegemonia.

Segundo o teólogo Carlos Cunha embasado no pensamento de Walter Mignolo acerca da decolonialidade “[...] a tarefa decolonial consiste em pensar a partir de outras línguas, de outra gramática, e categorias de pensamento que estão para além dos pensamentos ocidentais dominadores”. (CUNHA, 2018, p. 309). Seguindo a mesma direção, o autor afirma que a teoria da decolonialidade “[...] pressupõe desvelar a lógica da colonialidade e a reprodução da matriz colonial do poder para desconectar-se dos efeitos totalitários das subjetividades e categorias do pensamento ocidental hegemônico.” (CUNHA, 2018, p. 316).

Ainda segundo o autor:

Tal movimento demanda um fazer decolonial, isto é, um giro com a pretensão de substituir a geopolítica de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do ocidente dos últimos cinco séculos, pela geopolítica de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades e outros, que foram negados. (CUNHA, 2018, p. 316).

Dentro deste contexto encontra-se ainda a expressão “giro decolonial” - termo que segundo Cunha (2018) foi proposto pelo filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2018) e se constitui como uma forma de pensamento de resistência ao pensamento colonial. Segundo Cunha (2018, p. 316), “[...] o termo remete a um giro

epistemológico capaz de repensar a teoria da dependência numa crítica à modernidade e ao eurocentrismo, fazendo da dialética o seu método e uma nova visão da história”. Destaca ainda o autor que “[...] o movimento circulatório decolonial desvela a experiência subalterna do mundo permitindo a articulação de diferentes lugares, saberes e subjetividades que foram silenciados pela colonização”. (CUNHA, 2018, p. 317).

Para compreender a discussão de desobediência epistêmica defendida por Walter Mignolo (2008), se faz necessário contextualizar o cenário epistemológico deste debate. O autor prefere usar a identidade na política, do que política de identidade, por esse último termo estar enraizado nos pressupostos da teoria política moderna que classifica o “Outro” (mulheres, negros, indígenas etc) como inferior, para suscitar o agenciamento epistêmico. O processo decolonial deve acompanhar a constante e profunda radicalização da desobediência epistêmica e política. Consequentemente, o autor observa que a desobediência civil foi usada historicamente em processos de luta de negras e negros como, por exemplo, nas denúncias feitas pelos movimentos civis à segregação racial nos Estados Unidos.

Conforme Mignolo (2008), a discussão sobre desobediência epistêmica perpassa, inicialmente, as proposições defendidas pelo peruano Aníbal Quijano, e suas discussões sobre colonialidade do saber. Muitos críticos desse debate saem em defesa dos cânones europeus - Lacan, Freud, Marx, Foucault, afinal as bases epistêmicas estão assentadas no tripé das categorias universalizantes, na legitimação do conhecimento pela academia e, no ocidente o lastro se dá pela filosofia. Ao analisar a América Latina e Caribe, as (os) autoras (es) decoloniais põe em xeque a *falência* do domínio da Europa nas bases do conhecimento feitas a partir do seu lugar de origem. Aos olhos europeus, trata-se de um perigo que ronda os caminhos futuros do seu domínio político, econômico, social, militar e cultural.

Nesta perspectiva, propõe-se nesta seção apresentar os principais conceitos desenvolvidos por esses estudos para elucidar de forma mais clara quais têm sido as contribuições para o conhecimento desde a América Latina. No primeiro momento, me detenho aquelas (es) autoras (es) mais consagrados internacionalmente neste campo, como o peruano Aníbal Quijano (2007), os porto-riquenhos Nelson Maldonado-Torres (2018) e Ramón Grosfoguel (2016), a estadunidense Catherine Walsh (2007) e o brasileiro Joaze Bernardino-Costa (2016).

1.2 Decolonialidade e o Afrodiaspórico: o contexto

Nesta parte, como mencionado anteriormente, foi esboçado de forma sucinta sobre os conceitos do grupo teórico da Modernidade/Colonialidade, para uma visão do que é o projeto decolonial proposto por estes pensadores. O peruano e sociólogo Aníbal Quijano, que afirma que o conceito de colonialidade perpassa pela dimensão do ser, do saber, da natureza e do poder. Nesse sentido, a colonialidade se funda inicialmente na classificação da população segundo sua raça/etnia, constituindo-se assim como elemento do patronato mundial do poder capitalista, em que seus centros hegemônicos são na Europa, paralelo ao movimento de constituição da América Latina. O poder capitalista se torna mundial, sendo a Europa a detentora da dominação da colonialidade e modernidade a partir do capitalismo eurocêntrico. (QUIJANO, 2007, p. 93).

Fazendo com que a modernidade se conceitua num universo em que colonialismo e colonialidade se fundem com relações de dominação que se reproduzem abaixo da Europa, por exemplo, senhor de engenho x escravizado, patrão x operário ou ainda, homem x mulher. O conhecimento produzido pelos centros hegemônicos desde o século XVII fomentava as necessidades do capitalismo, tais como o de medição, quantificação, objetivação e controle das relações das pessoas com a natureza e prosperidade dos recursos de produção. Esse conhecimento era dito racional. Ele foi imposto como o único válido e como emblema da modernidade. (QUIJANO, 2007, p. 94).

Ramón Grosfoguel & Joaze Bernardino-Costa (2016) em colaboração ao debate da descolonização e do pensamento afro diaspórico apresentam o significado do pós-colonial como “os conflitos de poder e os regimes de poder-saber que continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais”. A partir da resposta de Stuart Hall (2003), sobre “quando foi o pós-colonial”, os autores se posicionam na abordagem crítica com capacidade de releitura dos pensadores coloniais para as narrativas da diáspora, que sempre estiveram no centro da nação. (GROSFOGUEL & BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 16).

Nessa releitura, Ramón Grosfoguel & Joaze Bernardino-Costa (2016) postulam que o termo pós-colonialismo deu origem às discussões sobre a descolonização de países do continente africano e asiático. Em 1980, o grupo de estudos da subalternidade do sul, liderado pelo historiador Renajit Guha, que tinha por objetivo a restituição dos sujeitos

subalternos na condição de sujeitos plurais e descentrados. (GROSFOGUEL; BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 16). E, constataram que os pensadores pós-coloniais não fazem nenhuma referência sobre a colonialidade na América Latina. Em vista disto, as contribuições de intelectuais latino- americano na virada do milênio, constituem o que Arturo Escobar (2003), citado por Ramón Grosfoguel e Joaze Bernardino-Costa (2016) chamam de programa de investigação modernidade/colonialidade, pois inicialmente, a crítica ao pós-colonialismo tem origem britânica e estadunidense o que pode ter uns significantes vazios pelas falta experiências históricas locais. (GROSFOGUEL; BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 16).

Sob esse prisma, pesquisadores da decolonialidade começaram a lançar categorias das experiências da América Latina. Logo, a decolonialidade é um projeto acadêmico e uma prática de oposição e intervenção, que teve seu surgimento quando o primeiro sujeito colonial do sistema-mundo que reagiu contra as determinações imperiais, iniciadas em 1492. (GROSFOGUEL & BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 17).

Ainda sobre esse projeto acadêmico, Luciana Ballestrin (2013), com base em Maldonado-Torres (2005), revisou a decolonialidade e a nomeou como *giro decolonial* que “significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. Ela é tida como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade”. (MALDONADO-TORRES, 2005 *apud* BALLESTRIN, 2013, p. 105).

Maldonado-Torres (2018) apresenta a decolonialidade com dois lembretes-chave, tendo com exemplo os condenados da terra, em referência a Franz Fanon (2005), para o qual libertação é um esforço da independência política e econômica para o colonizado, mas a colonização se mantém mesmo com os movimentos de libertação e independência. O primeiro lembrete postula que ainda “mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta”. O segundo postula que o legado do colonialismo pode continuar mesmo com o final da colonização formal e com a conquista da independência econômica e política. Pois, “é por isso que o conceito de decolonialidade desempenha um importante papel em várias formas de trabalho intelectual, ativista e artístico atualmente”. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 28).

Segundo o autor, a teoria decolonial reflete sobre o nosso senso comum e sobre outras áreas chaves da experiência humana, logo “o pensamento e a teoria decoloniais exigem um engajamento crítico com as teorias da modernidade, que tendem a servir

como estruturas epistemológicas das ciências sociais e humanidades europeias”. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 28).

Afirmando a postura de Maldonado-Torres, a linguista estadunidense, Catherine Walsh (2007) contribuiu para o campo das ciências sociais ao trazer reflexões sobre as outras culturas, estimulando a pensar de outras maneiras a epistemologia e as ciências sociais, que “[...] está refletida nos processos políticos e epistêmicos das comunidades e organizações indígenas e afros da região.”. (WALSH, 2007, p 107-108).

É pertinente trazer para o bojo desta seção as análises sobre a colonialidade e a decolonialidade com suas dimensões básicas trazidas por Maldonado-Torres (2018). Ele se utilizou de dez teses sobre o assunto. Porém, para melhor compreender as análises, traz-se primeiramente a relação entre modernidade e colonização. (MALDONADO-TORRES, 2018, p.30). Nesse parâmetro, a modernidade ocidentalizada é tida como a forma de civilização mais avançada, em que os não-europeus são tidos como primitivos ou selvagens, assim como a noção de civilização está voltada para a “‘descoberta’ do Novo Mundo e para as conquistas das Américas” (*idem*).

Posto isso, a primeira tese analisada por Maldonado-Torres (2018), intitulada *Colonialismo, descolonização e conceitos relacionados provocam ansiedade*, traz a importância dos significados remetendo-se ao giro colonial e que levanta as questões do mundo moderno/colonial. Na segunda tese, enfatiza na diferenciação terminológica para o campo: *Colonialidade é diferente de colonialismo e decolonialidade é diferente de descolonização*, abordando sobre o colonialismo e a formação histórica dos territórios coloniais. O colonialismo moderno é entendido como um dos modos específicos que os impérios ocidentais colonizaram pela “descoberta”. Na colonialidade/modernidade, tem-se lógica de desumanização que existe nas colônias não formais, além de citar como eventos-chave a descoberta do Novo Mundo e além de justificar escravidão. Na descolonização os sujeitos coloniais reivindicam sua independência. Na decolonialidade, pauta-se pela luta contra a lógica da colonialidade (desumanização) e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos, bem como busca alguma coisa maior do que a modernidade.

A terceira tese, *Modernidade/colonialidade é uma forma de catástrofe metafísica que naturaliza a guerra que está na raiz das formas moderno/coloniais de raça, gênero e diferença sexual*, apresenta a “revolução” e a “descoberta” das Américas junto à prerrogativa que os europeus se deram para nomear o mundo como um direito e dever deles. Tais nomeações trouxeram inúmeras catástrofes metafísicas, pois

nortearam as produções e transformações de cunho epistêmico, ontológico e ético como parte do que passa a ser definido na dualidade modernidade/colonialidade, o que também se repete nas ciências. Na catástrofe citada, há interferência nas relações intersubjetivas da dualidade Eu-Outro, em que houve o começo da relação senhor-escravo, diferença essa que é tida pelo autor como diferença subontológica, definida como diferença entre seres e aqueles abaixo dos seres. (MALDONADO-TORRES, 2018, p.37).

O contexto de descoberta do novo mundo trouxe o outro como um corpo passível de investigações científicas, o qual poderia ser manipulado como objeto a partir da desumanização. As guerras contra os povos “descobertos” foram naturalizadas. A colonialidade passou a ser imposta com reprodução de estruturas nas relações intersubjetivas, em que houve também a imposição de gêneros ocidentais sobre os colonizados, bem como a combinação dessa prática às ações maniqueístas, à diferenciação subontológica frente aos entendimentos não ocidentais sobre sexo e gênero. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 40-41).

A quarta tese, *Os efeitos imediatos da modernidade/colonialidade*, traz uma abordagem da naturalização dada aos processos de exploração, morte prematura - em alusão às torturas e estupro, extermínio, dominação e expropriação realizados nas colônias. Nesses processos, as terras e recursos naturais passaram por expropriação e depois apropriação estrangeira como pelos mecanismos de mercado e dos Estados-nações modernos. Além das tomadas desses recursos materiais, as mentes também foram dominadas pela forma de pensamento promovida pela colonização e depois a autocolonização. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 41).

A quinta tese, *A colonialidade envolve uma transformação radical do saber, do ser e do poder*, em que o poder é constituído de várias partes que impõem as visões de mundo. Tais partes seriam o “Ser”, em que estão presentes os conceitos e qualificações das experiências; o “Saber”, em que o conhecimento é constituído sobre um único ponto de vista válido e o “Poder” em termos de ordem política e econômica, áreas que definem como as coisas serão concebidas e aceitas. Todas essas partes juntas compõem uma dada visão de mundo. A partir disso, a identidade e atividade (subjetividade) humana também passam a produzir e reproduzir conhecimentos com base nessas partes elencadas, em diversos outros contextos de poder. Nas representações de cada uma dessas partes, o saber é representado pelo sujeito, objeto e método; o ser é representado pelo tempo, espaço e subjetividade; e o poder é representado pela estrutura, cultura e

novamente pelo sujeito, tornando um campo de luta e ao mesmo tempo um espaço que é passível de controle ou dominação para que haja coerência com a dada ordem e visão de mundo, sem instabilidades. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 42).

A colonialidade, assim, se impõe no âmbito do saber, do poder e do ser. Esses elementos são componentes fundamentais da dualidade modernidade/colonialidade. Em que cada um desses processos tem em si as partes acima explicadas. (MALDONADO-TORRES, 2018). Segundo Maldonado-Torres (2018), a experiência em fatos de como opera a lógica colonial no tempo, no espaço e na subjetividade pode ser observada. O autor ancorado na obra de Franz Fanon (2005), em sua argumentação sobre os condenados da terra.

Já a sexta tese, *A decolonialidade está enraizada em um giro decolonial ou em um afastar-se da modernidade/colonialidade*, fala das ações e atitudes decoloniais em que essa formação se dá a partir de buscar pelos sujeitos negros, como uma estratégia de rompimento com o moderno/colonial, hoje predominantes nas ciências europeias e em outros lugares. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 44-45). A tese postula que decolonialidade é um projeto inacabado que requer busca por um mundo em que o condenado passe a ser o criador, pensador e ativista comprometido com a formação de comunidades. Já o giro decolonial é o ato de analisar a genealogia e os momentos por meio da história junto à fenomenologia. Essa análise também consiste em identificar o que é decolonial no âmbito do ser, poder e saber. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 46).

Já a sétima tese, *Decolonialidade envolve um giro epistêmico decolonial, por meio do condenado*. Nela, emerge-se o papel do condenado como questionador, pensador, teórico, escritor/comunicador. “A decolonialidade requer um compromisso com o corpo como algo aberto”, pois o corpo-político deve reconstruir-se e combater os efeitos da catástrofe metafísica e de separação ontológica. (MALDONADO-TORRES, 2018, p.47).

A oitava tese, *Decolonialidade envolve um giro decolonial estético*, coloca o condenado como criador no âmbito artístico como uma das áreas requeridas para haver atitude decolonial na manutenção dos corpos e mentes abertas como forma de atitude decolonial no âmbito espiritual.

A nona tese, *A colonialidade em giro decolonial ativista*, afirma que o condenado por meio do giro decolonial é emergente e agente de mudança social. Assim, o pensamento, a criatividade e a espiritualidade são elementos insuficientes sem a

emergência do condenado como agente de mudança. Logo, ele deve agir de modo que busque realizar mudanças. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 49).

A décima tese, *A decolonialidade como projeto coletivo*, postula que agência dos condenados não é uma salvação individual. A decolonialidade deve ser coletiva, a fim de que possa surtir efeitos em várias formas de comunidade por meio de perturbações e desestabilizações da colonialidade do saber, poder e ser. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 50).

Percebe-se que a decolonialidade no campo da Museologia, na Sociomuseologia, na medida em que o sujeito negro vem buscando assumir o protagonismo de suas histórias, memórias e oralidades, apresentando suas próprias narrativas, como mencionado na sexta tese: comprometido com a comunidade. Dessa forma, o sujeito-histórico ao trazer seu ponto de vista começa a trabalhar a decolonialidade, na qual o sujeito negro perpassa desde a sétima até a décima tese de Maldonado-Torres (2018). Ou seja, um sujeito que transita da posição de subalterno para ser questionador, um criador artístico em prol dos corpos e mentes abertos, um emergente e agente de mudanças sociais, e, um sujeito que trabalhe em um projeto de coletividade.

Capítulo 2: MUSEOLOGIA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

2.1. *Os museus e a museologia em Bogotá: Mesa de Santiago e museologia social*

As ciências sociais no final do século XX passam a preocupar-se com as demandas da sociedade, a exemplo, do grupo de teóricos da modernidade/colonialidade. Neste sentido, é preciso voltar para o que o português Boaventura de Sousa Santos, que chamou atenção para uma necessidade de “uma epistemologia do sul”. (SOUSA SANTOS, 2005 *apud* WALSH, 2007, p.107).

É neste contexto que a Museologia busca contribuir com as teorias e as práticas que tem fortalecido o seu do campo de ação. A estudiosa Judite Primo (2009) colabora para a produção museológica, com um texto em que apresenta cinco documentos básicos produzidos entre 1958 e 1992, que traduzem o pensar museal no século XXI, levando a entender as práticas museológicas. Ela cita o encontro realizado em Santiago do Chile em 1972, que deu origem à Declaração de Santiago, ratificada pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus); e destaca a concepção de museu defendida em Santiago:

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.(Mesa Redonda de Santiago do Chile. (PRIMO, 2009).

Para a autora, este documento pode ser considerado o primeiro em que a Museologia esteve preocupada com a sociedade, pois “[...] propõe, que a relação que o homem estabelece com o Patrimônio cultural passe a ser estudada pela museologia, e que o museu seja entendido como instrumento e agente de transformação social.”. (PRIMO, 2009, p. 19).

No Brasil, podemos observar alguns trabalhos no campo museológico em que há busca atenta a essa relação. No caso, a dissertação de mestrado da Joana Flores (2016) traz reflexões para o campo museal, pois discute a representação das mulheres negras

nos Museus de natureza histórica em Salvador. Ela utilizou, como recorte para o desenvolvimento do estudo, a exposição museológica de longa duração do Museu do Traje e do Têxtil do Instituto Feminino da Bahia, que traz como tema o universo feminino no contexto da moda do século XIX. O estudo problematiza a participação dos museus como espaços de representação e poder, analisando até que ponto as narrativas construídas a partir da exposição, demarcam e legitimam a imagem estigmatizada da mulher negra na sociedade contemporânea. Como metodologia, Joana Flores Silva (2016) analisou dez museus que estão inseridos no Guia Brasileiro dos Museus do IBRAM. (SILVA, 2016).

A professora de Museologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA Joseania Freitas, num texto sobre o carnaval em Salvador-BA, parte da implantação de um projeto para a implantação do novo setor de Museu Afro-Brasileiro: Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira. O projeto tem participação de estudantes universitários e também trabalham temas relacionados à afirmação da identidade afro-brasileira. Joseania Freitas como complemento, apresenta uma síntese de uma investigação dos blocos afro-brasileiros no carnaval de Salvador. As ações dos projetos são patrimônio cultural que representam o valor de um povo que é manifestado de forma intangível pela matriz e tangível nas manifestações culturais do carnaval. (FREITAS, 2004).

Já a professora de Museologia na Universidade Federal de Rondônia, Marcele Pereira, traz em sua tese de doutoramento sobre a trajetória do Programa Pontos de Memória, desde a sua criação em 2008, que tem como objetivo discutir os documentos da cooperação entre o IBRAM e a Organização dos Estados Iberoamericanos. Utiliza como embasamento as teorias (de) coloniais, fruto do grupo de estudos de cientistas sociais sobre Modernidade/Colonialidade e a Museologia Social. Assim, o Programa de Pontos de Memória é uma ação insurgente e descolonizadora do pensamento e da prática museal, já que é um pressuposto da Museologia Social. (PEREIRA, 2018).

Ao olhar para Colômbia, tem-se o trabalho do museólogo colombiano Santiago Alberto Llanos Molina (2015), o qual faz uma análise sobre as propostas teóricas da Museologia Comunitária como uma ferramenta conceitual para a criação, gestão e desenvolvimento de espaços de reflexões e relações entre o patrimônio, o território e a comunidade. Assim, apresenta algumas iniciativas de museus comunitários na Colômbia. (LLANOS MOLINA, 2015).

Segundo Santiago Llanos Molina (2015), no final do século XVII e no século XIX foi quando criaram os primeiros museus na América Latina. (LLANOS MOLINA,

2015, p. 6). Assim, na América Latina surgiram os primeiros museus das jovens repúblicas. Na década de 1820, abriram-se os primeiros museus no México, Bogotá e Buenos Aires. Contudo, estes museus se conformaram em buscar um imaginário de nação. (LLANOS MOLINA, 2015, p. 7).

Na mesma direção, segundo o autor, os museus do século XIX criaram divisões temáticas, cabendo à história representar a ideia de nação eurocêntrica, a da antropologia, apresentar os “povos sem história”, aproveitando-se da expansão colonial. (LLANOS MOLINA, 2015, p. 7).

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos (2009), a constituição dos primeiros museus brasileiros ocorreu no decorrer do século XIX, a princípio com o Museu Nacional em 1818, que “[...] foi criado com o objetivo de propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Brasil”. (SANTOS, 2009, p. 124).

No panorama da Museologia colombiana, destaca-se a publicação de *Museos y Museologías en Colombia: retos y perspectivas* - que reconhece o papel do *Museo Nacional de Colombia* - como representante da Museologia do país - realizada pelos fundadores do primeiro programa de Mestrado em Museologia da *Universidad Nacional de Colombia*, sendo Marta Combariza, William López e Edmon Castell. (LLANOS MOLINA, 2015, p. 32); (COMBARIZA; LÓPEZ; CASTELL, 2014, p.28). Nesta perspectiva, a Museologia, como disciplina possui pouco mais de 20 anos de história, mas, as produções e cuidados com o campo museológico têm mais de 150 anos. Tais estudos apontaram, de forma em geral, para as atividades de práticas desenvolvidas, como preservação, documentação, pesquisa e divulgação. Para criação do currículo do curso de Mestrado em Museologia levaram em conta os programas de formação museológicos já implementados em vários países, que primam pela produção de conhecimento na área.

2.1- Notas sobre a museologia colombiana

País de muitos museus, tendo como destaque internacional o Museu do Ouro, na capital, Bogotá, além de outras importantes experiências de instituições pelas demais regiões do país. Com relação ao campo teórico, diversificada bibliografia sobre estudo de acervos museais também fazem parte da história museológica. Já em relação à formação acadêmica na área, como a maioria dos países, não há uma tradição de formação na graduação, iniciou um curso numa importante universidade privada, Universidade do Externado, que formou somente uma turma, mas deu continuidade ao curso em nível de pós-graduação, o Mestrado em Conservação e Restauração, que tem agregado profissionais da área dos museus. A Universidade Nacional tem formado turmas de profissionais no Mestrado em Museologia. Pode-se dizer que a Colômbia apresenta grande potencial para crescimento da Museologia, no campo teórico e prático. Para concluir:

Na Colômbia, como em outros países da região latino-americana, a oferta de formação em museologia, como já afirmamos, nunca foi além do escopo da educação não-formal. Consequentemente, enquanto na maioria dos países desenvolvidos os museus são administrados por museólogos especializados, na Colômbia a figura do museólogo ou profissional que atua em museus não está claramente definida e dificilmente começa a ser diferenciada no trabalho, de modo que a gestão da instituição museal foi entendida como um simples escritório de um setor administrativo. Para mudar essa situação, um primeiro passo necessário é o reconhecimento formal da profissão do museólogo; para o qual é necessário estabelecer um itinerário curricular de formação em museologia, levando em conta os contextos culturais e institucionais do setor na Colômbia, evidentemente, do ponto de vista dos padrões internacionais. (COMBARIZA; LÓPEZ & CASTELL, 2014, p.38).

Llanos Molina (2015, p. 33) ao falar sobre os museus de Bogotá na década de 1970, afirma que naquele momento estava presente o questionamento sobre o papel dos museus na sociedade, configuravam-se as primeiras divisões educativas no *Museu Nacional* e no *Museu de Arte Moderna*, os quais buscaram uma reconfiguração da concepção de museu e sua função social e política. Estas posturas serviram de modelo para outras instituições, como o *Museu do Século XIX* e o *Museu de Arte da Universidade Nacional*. O autor destaca também o desenvolvimento da Museologia Comunitária, que teve as primeiras iniciativas nos anos 1980, momento em que a

concepção de museu passou a implementar iniciativas culturais em regiões excluídas. (LLANOS MOLINA, 2015, p. 38).

Na mesma década, a Associação Colombiana de Museus (ACOM) “[...] liderou uma série de ações dirigidas precisamente até a abertura de locais de qualificação da administração dos museus, teve apoio do Fundo Cultural Cafeeiro, o Fundo de Promoção da Cultura do Banco Popular e outras instituições nacionais e internacionais.” (COMBARIZA; LÓPEZ; CASTELL, 2014, p.21), os quais organizaram seminários em várias cidades do país com objetivo de levar conceitos fundamentais da museologia atual. Ainda segundo os autores, no mesmo período o antigo Instituto Colombiano de Cultura (COLCULTURA), atualmente Ministério da Cultura, também corroborou com “[...] o campo dos museus e casas de cultura do país, uma reflexão museológica cujo fim era a administração adequada dos bens patrimoniais móveis.” (p.21).

Desde 1991, com a promulgação da nova Constituição, que reconheceu o país como *pluriétnico e multicultural*, abriram-se “[...] possibilidades de inclusão às comunidades historicamente marginalizadas”. (MOLINA, 2015, p. 38). No entanto, como os demais países latino-americanos, que passaram pelo processo de colonização escravista, ainda há muito trabalho no campo sócio-político para o devido reconhecimento e representação positiva para os descendentes das populações nativas e descentes daquelas que aportaram pelos processos de diásporas forçadas, daí a continuidade da ausência de representação nos museus.

2.3- Da população afrocolombiana e sua representação nos museus

A estudiosa negra Margarita Morales (2010), num texto sobre a falta de estatística específica sobre Censos na Colômbia, apresenta a falta de informações sobre a situação dos povos negros do país a qual gera dificuldade na garantia de direitos. Com isso, mostra a disparidade do censo de 1993 com o de 2005. O primeiro não levou em consideração os aspectos étnicos e nem raciais o que ocasionou a seguinte situação: “[...] só 1,5% dos afrocolombianos se autореconheceram como afros.” (RODRÍGUEZ GRAVARITO *et al.*, 2009, *apud* MORALES, 2010, p. 93).

O Censo de 2005 é considerado por muitos como um avanço, já que apresenta de forma significativa o aumento da população que se identifica afrocolombianos “passou de 1,5% para 10,6%.” (MORALES, 2010, p.94). Diante deste aumento, a autora, citando dados do DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estatística) (2007), explica que tal crescimento se justifica porque nos censos anteriores não levaram em consideração a identificação de outros grupos étnicos, “[...] como as populações *Rom, Raizal del Archipiélago de San Andrés, Provincia e Santa Catalina e Palenquera*”. (DANE, 2007, p. 31, *apud* MORALES, 2010, p. 94).

Morales destaca que não há uma proporcionalidade de ascensão social, pois boa parte desse povo está em lugares mais precários, sem o mínimo de infraestrutura, social, econômica, educacional, trabalhando em atividades subalternas. A invisibilidade do Estado colombiano frente à população negra no país provém do fenômeno histórico e estrutural da sociedade, no qual o comércio transatlântico transportou pessoas negras do continente africano para o continente americano, colocando-as em condição de escravizadas. Gerações de afrodescendentes permaneceram em posições subordinadas, mesmo em face aos processos de abolição, que não resolveu com políticas de equidade os graves problemas sociais provenientes da colonização. As populações afrodescendentes foram reconhecidas, constitucionalmente, na mesma proporção que os brancos-mestiços. Em contrapartida, a pequena parte branca, detém o poder, responsável em selecionar o conhecimento que deve ou não deve ser divulgado. (MORALES, 2010, p. 90).

Mesmo diante dessas limitações, encontram-se alguns marcos importantes para a discussão do negro nas artes, nos museus e outros espaços de poder na Colômbia,

segundo Sergio Andrés Sandoval (2012), sobre o legado de arte dos afrocolombianos através dos irmãos Zapata Olivella.

Entre as famílias de intelectuais negros mais importantes na Colômbia destacam-se, sem dúvida, os Zapata Olivella. Em particular, no que diz respeito à arte e à cultura, sobressaíram três irmãos: Delia, Juan e Manuel. Estes artistas e investigadores, nascidos na cidade de Santa Cruz de Lorica (no Departamento de Córdoba, às margens do rio Sinu, na região do Caribe da Colômbia), forjaram uma obra artística, antropológica e cultural muito significativa no contexto da diáspora africana. [...] Os três irmãos forjaram uma concepção de identidade que afirma a herança indígena, africana e hispânica, incorporada na arte e na investigação. Tanto na dança, na escultura, na música e na literatura, os irmãos Zapata Olivella foram grandes investigadores e promotores das tradições populares colombianas. Eles foram os fundadores, junto com outros artistas e estudiosos, da memória, do patrimônio e da identidade afrocolombiano. (SANDOVAL, 2012, p. 139-140).

Ainda segundo o autor, Juan Zapata Olivella “[...] é precursor da ideia de museus “afro” na Colômbia – ao começar a trabalhar para concretizar seu sonho”, tal idealização tinha como meta fundar “[...] um museu dedicado à arte das africanidades, em Cartagena”. A instituição foi criada na casa do próprio escritor, em 1985. Neste espaço, reúne a coleção de arte privada de Juan, com objetos provenientes das viagens pelo Caribe e África, e “[...] de presentes oferecidos por defensores da negritude.” (SANDOVAL, 2012, p. 162-163). O autor destaca a presença de museus afrocolombianos e sua importância para a sociedade colombiana.

Como pontuei inicialmente, ao realizar o intercâmbio em Bogotá, notei a ausência da representação afrocolombiana nos museus, fui informada da existência de dois museus que mantêm uma relação entre a comunidade, o território e o patrimônio, o *Museu Comunitário de Mulaló*, localizado no Departamento do Valle del Cauca e a *Casa da Memória do Pacífico Nariñense de Tumaco*, no Departamento de Nariño.

Para trabalhar com a exposição *Presencia negra...*, tomou-se como base o conceito de imagem proposto por Stuart Hall (2013, p.324), que reflete sobre a questão da “cultura popular negra”, para as análises das imagens da exposição, tendo em vista que as pessoas que migraram para Bogotá tiveram que adaptar-se aos moldes das instituições europeias:

[...], mas acredito que esses repertórios da cultura popular negra - uma vez que fomos excluídos da corrente cultural dominante - eram frequentemente os únicos espaços performativos que nos restavam e

que foram sobredeterminados de duas formas: parcialmente por suas heranças, e também nas quais as conexões foram forjadas. A apropriação, cooptação e desarticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano [...]. (HALL, 2013, p.324).

Para compreender sobre cosmovisão africana, a professora Rosa Margarida Rocha afirma que: “cosmovisão africana é a ótica sobre o mundo e suas relações; representa princípios que orientam o viver africano, seu modo de orientação social, seus valores e formas de ver e entender o mundo.” (ROCHA, 2011, p.33).

Capítulo 3: ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO *PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ: 1940-1960*

3.1 Contexto da realização da exposição

A exposição *Presencia Negra en Bogotá: 1940 – 1960* foi resultado de uma pesquisa realizada entre 2010 e 2013, pela coordenação da professora Mercedes Angola, negra e pelo professor Maguemati Wabgou, negro. A abertura da exposição foi no dia 05 de novembro de 2013 e encerrou no dia 05 de março de 2014, nas salas do Museu *Claustro de San Agustín*.

A exposição selecionou farto material fotográfico, resultante da pesquisa sobre vidas e experiências de pessoas negras que migraram do Pacífico, e do Caribe, Valle del Cauca e Cauca para a capital, Bogotá, durante as décadas dos anos quarenta, cinquenta e sessenta.

Segundo Leopodo Prieto Páez (2018), nas décadas de 40 e meados de 50, a cidade de Bogotá passou pelo processo de modernização, influenciado tanto pela “chamada República Liberal”, quanto pelo final da 2ª Guerra Mundial. Tais transformações urbanas deram-se de forma acelerada, com aumento demográfico, que influenciou na transformação de novas zonas rurais em urbanas; no investimento em avenidas para atender ao impacto paulatino do sistema de transporte e de mobilidade urbana; e na ampliação de serviços públicos, água e luz. Também, neste contexto houve a realização de obras para comemorar o quarto Centenário da Fundação da cidade, em 1954. (PRIETO PAÉS, 2018, p. 61-72).

Nas narrativas fotográficas e nos depoimentos buscava-se dar visibilidade à comunidade afrocolombiana, para isso a mesma foi dividida em 6 eixos temáticos, que estavam definidos e identificados em perguntas que apresentavam as seguintes propostas, segundo os catálogos de divulgação:

- ✓ A migração;
- ✓ A identidade;
- ✓ Os espaços de encontro;
- ✓ A moda;
- ✓ A vida cotidiana;

✓ O balanço.

Segundo Mercedes Angola e Maguemati Wabgou (2015), em material de divulgação, apresentaram no eixo temático *a migração*, as seguintes reflexões: “Quais foram os motivos da migração de mulheres e homens negros dessa época para Bogotá (educação, trabalho e oportunidades)?”.

Neste âmbito, os autores destacaram que as migrações aconteceram porque as pessoas estavam em busca da realização de estudos, de oportunidades econômicas que seus lugares de origem não proporcionavam, estas etapas auxiliam a compreender a dinâmica do processo migratório das pessoas que vieram do Pacífico e o Caribe até Bogotá. (ANGOLA; WABGOU, 2015).

Destaca-se que as informações referentes aos eixos temáticos da exposição analisada em questão são referentes ao catálogo da mesma, de autoria dos curadores.



Figura 1: Migração, Glória Mina Cambindo. Graduação Universidad Libre de Colombia.
Fonte: (PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, 2013)

Eixo 1 - segundo o catálogo *Llegamos a Bogotá. Décadas 1940, 1950,1960*. Neste eixo é evidente que boa parte das pessoas foi para Bogotá em busca de estudo e trabalho, são enfatizadas pelas falas destes migrantes, a senhora Gloria Díaz, e senhor Julio Palacios. Gloria Díaz foi para a capital colombiana para estudar:

Prestei o vestibular para a Universidade Nacional de Colômbia com desejo de estudar Medicina ou Odontologia, mas não passei [...] Prestei novamente a Nacional e me saí bem. O decano de odontologia me perguntou por que não estudava algo mais fácil. Eu o contestei que não tinha nenhum dentista em Puerto Tejado, todos sabiam o uso das

plantas medicinais, eu queria ser a primeira profissional que irá trabalhar [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 29).

Julio Palacios foi por razões de trabalho:

[...] Eu vim para Bogotá [...] e com o amigo Leopoldino Machado que era representante no Ministério da Fazenda, me colocou para trabalhar com no mesmo local. Na época era difícil encontrar certos postos de trabalho, pois as pessoas tinham alguém para indicar sempre nos colocava [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 27).

Nesta sensação contém a exceção na fala da senhora Leonor Escobar, que foi viver em Bogotá, tanto por motivos do trabalho como, por causa da sua recém família:

Eu cheguei porque casei com o pai [a entrevistada olha para seu filho]: casamos-nos e viemos para cá, como ele estava vinculado ao Exército, quase toda a vida permanecemos aqui. Quase não nos mudamos para outros locais [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 31).

Com base nos trechos das falas destas pessoas negras, observa-se a dificuldade de adaptação na capital, nos locais de trabalhos, quando Palacios relata tal rigidez em acessar uma vaga de trabalho. Assim também na instituição de ensino, com Díaz em um curso de prestígio social e de difícil acesso, em que o racismo institucional é visível pelo comentário do decano, ao qual diz que Gloria Díaz não teria capacidade de finalizar o curso em questão.

Eixo 2 - segundo os autores, no eixo da *identidade*: “como essas pessoas se identificavam em Bogotá em aspectos étnicos-racial?”.

Esse eixo apresentou o tema de identidade e etnicidade dos migrantes a partir de sua autodefinição como pessoas negras, o conhecimento da identidade é às vezes, maleável como toda construção social derivada das interações sociais.

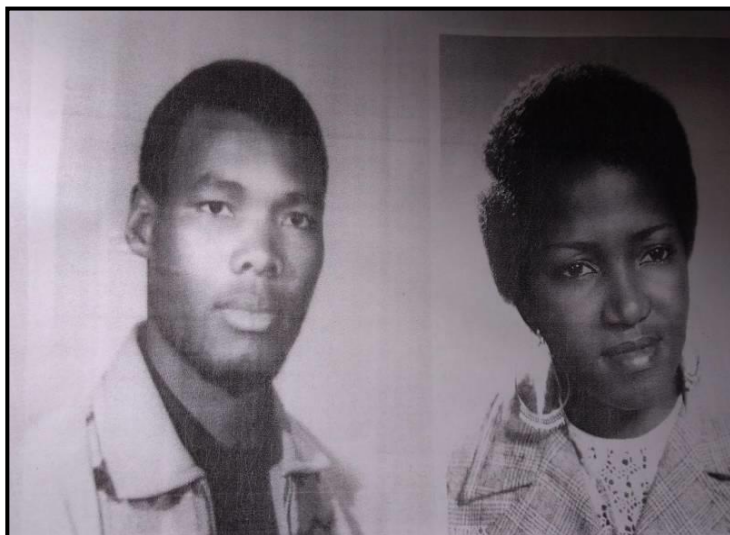


Figura 2: Identidade, retratados por Cristobal Valdemar e Belkys Peña.
Fonte: (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.40)

Segundo os autores, a identidade, como uma construção social, que junto com a etnicidade respondem às experiências dos entrevistados no deslocamento de suas terras de origem a Bogotá. Nos dados são apresentados o ano e o local de nascimento, e ano em que chegaram a Bogotá. Os personagens se autodeclaram como pessoas negras.

Nos depoimentos de Abel Valoyes, Carmen Serna, Cristóbal Valdelamar. No trecho de Cristóbal Valdelamar, fica caracterizado como as pessoas negras se identificavam na cidade de Bogotá:

Em Bogotá chegavam os jovens afrodescendentes dos quatro pontos cardinais do país: uns com uma pré-consciência de afrodescendentes, outros sem nenhuma consciência e sem nenhuma consciência iniciada, outros não se negavam negros. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.38).

Na fala de Carmen Serna e de Abel Valoyes fica presente que o discurso de miscigenação e embranquecimento da população colombiana foi projeto de nação do Estado (SANTOS, 2014). Tal estrutura é visível na fala de Carmen Serna, que afirma visível: “Para mim, eu sou negra, a cor da pele não significada nada. A inteligência e os sentidos das pessoas é o que vale” (p.35). Na mesma linha, o racismo estrutural se mantém de forma perversa, que suas formas vão além das pessoas negras, assim perpassa pelos não negros. Nítido na expressão de Abel Valoyes:

Eu sempre briguei com os amigos daqui porque a uma pessoa lhe chama ‘afro’. Em Bogotá colocou-se na cabeça que chamar uma pessoa de ‘negro’ é ofendê-la, então lhe chamava ‘moreno’. Eu os dizia: Não, eu não sou ‘moreno’, Moreno é um sobrenome. Eu não sou ‘moreno’, sou Valoyes, esse é meu sobrenome. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.35).

Eixo 3 - No eixo temático *espaços de encontro*, segundo um dos materiais de divulgação apresenta as seguintes indagações: “Quais eram os lugares de chegada (bairros, locais específicos de Bogotá), espaços de intercâmbios socioculturais, locais de encontro social e entretenimento (cafés, discotecas, etc.) que costumavam frequentar?”.

Este eixo apresentou os reencontros nos bairros, zonas específicas de Bogotá como cafés, salas de reunião, espaços de encontro entre intelectuais e outros lugares de prazeres, socialização ou entretenimento que frequentavam as pessoas negras daquela época. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.46).



Figura 3: Espaços de encontro, representada por José Leomar Vargas Vásquez (direita) e seus colegas de trabalho
Fonte: (PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, 2013)

Os narradores desta etapa representam o cenário de relações entre os afrocolombianos são da senhora Teófila Palacios e do senhor Arnaldo Palacios, sendo que a primeira, relata com que frequência de tempo se reuniam e o que faziam nestes momentos de ocios.

Nós frequentemente fazíamos festas para dançar, nos reuníamos com muita gente. Eudes organizava os eventos, as danças em sua casa, escutávamos músicas da costa e de Chocó. A festa era tão boa que os brancos rodeavam a frente da casa pedindo para que os deixassem entrar. Eu creio que neste momento despertou o interesse dos brancos pela cultura afro, buscavam escolas e pessoas que lhes ensinassem a dançar. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 46, tradução minha).

O escritor e jornalista Arnaldo Palacios relata as relações com as pessoas ilustres da época, inclusive com o médico, antropólogo e escritor Manuel Zapata Olivella.

Eu já tinha começado a ter certas relações com alguns jovens escritores no café *La Fortaleza* que logo se chamou *El Automático*. Estava Manuel Mejía Vallejo, Álvaro Mutis, iam por ali o caricaturista Merino, o pintor Alipio Jaramillo, Marco Ospina e Alejandro Obregón. Muita gente por ali ia, eram de uma geração mais velha, a geração de Restrepo Millán, de Eduardo Zalamea [...] Os da rádio, José Mar, muita gente ilustre, já no café onde vivíamos a nossa vida, discutimos e falamos [...] passou por lá Zapata Olivella. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 48).

Ao observar na figura 3 vêem-se homens com trajes de trabalho lanchando na relva, já nas falas percebe-se que havia locais de encontros para a sociabilidade. No depoimento fica enfatizado como as relações se concretizavam, estreitando os laços de acolhimento um com os outros, principalmente na fala de Teófila Palacios.

Eixo 4 - o seguimento *moda* possui as seguintes perguntas: “quais eram as roupas que usavam e que significado tinha para seu processo de adaptação ao contexto urbano bogotano?”.

Nesse eixo, identificam-se as roupas das pessoas negras que ao chegar a Bogotá passaram a usar, respondendo aos processos de adaptação e integração social na capital. A moda fazia parte da indumentária usada por estas pessoas, que se protegiam do clima frio, assim como, para sentir-se-bem e serem aceitos a moda da capital. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 62).



Figura 4: Moda, representada por César Torres y Basilia Balanta Cortés
Fonte: (PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, 2013)

Observa-se na fala de Fábio Moreno, o quanto as formas que a indumentária utilizada pelos afrocolombianos da época marcava um *status* social, tanto para o cotidiano dos que vivenciavam Bogotá, como validação que era apresentada para a família da terra origem sobre a importância social que exercerá na capital.

As pessoas que viam do departamento de Chocó, quando chegavam a Bogotá e começavam estudar Direito usavam um guarda-chuva preto e chegava ao Parque Santander com o Código Civil tiravam uma foto e enviava para sua região, para que vissem que estava estudando Direito. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 62).

Carmen Serna Velásquez apresenta de que maneira tinham que estar vestidas para frequentar os lugares de Bogotá, “Nesse tempo nos vestimos com casaco quase sempre e usávamos muitas luvas. Para ir ao *Teatro Colón* tínhamos que usar chapéu [...]” (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 70). A mesma linha de conduta é também apresentada pela a fala da senhora Belkys Peña:

A primeira vez que eu vim para Bogotá nos alojamos em um hotel ao lado da casa de *Florero*. O clima era frio, nublado, todo mundo

andava com sobretudo e luvas [...] A vestimenta era em panos cinzas, pretos, as mulheres com luvas e casaco, os senhores de terno e gravatas e guarda-chuvas. Era sombria a maneira de se vestir. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 62).

É perceptível nas falas que a indumentária é uma das características mais marcantes para construir suas vidas de forma mais amena das várias camadas de violências em que o racismo atua. Além dos trechos citados, vê-se que tais maneiras estão representadas na figura 4, onde o casal caminha pela rua com roupas formais. O senhor Torres vestido de terno e gravata, sapatos engraxados e bolsa de couro, de cabelo cortado; no mesmo segmento, a senhora Balanta Cortés, com vestido de manga longo, bolsa e sapato de couro, acessórios metálicos e com os cabelos alisados e presos.

Eixo 5 - Vida cotidiana: “Quais foram suas experiências em termos étnico-raciais no trabalho e em outros locais da vida cotidiana?”.

Este eixo faz uma incursão ao mundo laboral e os espaços que fazem parte do cotidiano dos protagonistas a fim de desvelar suas relações étnico-raciais no meio do trabalho, nos meios em que transitavam nos transportes, suas vivências em torno familiar e suas experiências no resto da vida cotidiana.



Figura 05: Vida cotidiana representada por Leda Mina Cambindo (terceira da esquerda à direita)
Fonte: (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.83).

Neste eixo da exposição, observa pelos fragmentos das falas dos entrevistados as várias camadas presentes que a estrutura racista operava sobre os corpos dos

afrocolombianos, sobretudo em Bogotá, a exemplos das colocações das senhoras Leda Mina, Glória Mina e Teófila Palacios.

Leda Mina mostra em seu lugar de fala de como era a relação de trabalho e de como deveria se sobressair para ser reconhecida, além de estar sozinha nos espaços onde estavam:

Encontravam-se, por momentos, pessoas egoístas, que discriminam: não me sentia bem todas às vezes, tive momentos difíceis com pessoas racistas; isso marca. Precisei trabalhar muito pesado porque estava trabalhando com multinacionais, com eles foi pesado até além do horário de trabalho. Na parte salarial, concordei com o que se aspirava no momento [...] onde andava sempre fui a única, seria demais fazer as pessoas verem que tínhamos os mesmos valores e capacidades que poderiam até ser superiores muitas vezes. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.74).

Na colocação de Gloria Mina, observamos a perversidade da estratificação do racismo, em que não só os não negros são atingidos como as próprias pessoas negras, que também fazem parte do sistema-mundo colonial. Sendo assim, os corpos e as mentes destes sujeitos-históricos negros mantêm pensamentos e posturas coloniais.

No ensino, eu tinha bons colegas e trabalhávamos num ambiente familiar. Como juiz, as pessoas com quem trabalhei eram honestas, trabalhadoras; na Controladoria, havia uma equipe muito completa de colegas e nos tornamos amigos. Não sentia racismo, eu tinha alguns chefes que se importavam comigo, porque eu era promovido. Eu era a única empregada negra [...] O ambiente de trabalho era muito familiar. Não houve discriminação. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.74).

A mesma situação acontece com Teófila Palacios, em que moldava os seus comportamentos para mascarar o racismo.

Eu tinha que estar na defensiva para não me deixar dominar ou ofuscar [...] No campo da educação eu não tive problemas com professores e pais, ao contrário na rua o que foi encontrado foi racismo. Com um amigo nós descemos a rua e uma garota gritou para nós de preto, e um homem bem apresentado daqui gritou com ela, desocupado ela veio aqui estudar e você estava desempregado [...]. No transporte eles olhavam para você um foi maldito. Segure-se firme, que aqui não vai em canoas de Buenaventura. Pela rua me chamavam: *negra cuscus** ou *María Jesús***. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 74.)¹⁵

¹⁵ * termo pejorativo utilizado para referenciar as mulheres negras de cabelos curtos e crespos.

** termo pejorativo utilizado para chamar as mulheres negras que trabalham como diarista ou empregada doméstica em “casa de família”, as pessoas que contratam essas mulheres não aprendem o nome das trabalhadoras e por isso, as chamam de María Jesús.

Eixo 6 - Balanço: “Qual é o balanço de sua presença em Bogotá e como se projetaram quanto à possibilidade de retornar ou não para sua terra natal?”.

Finalmente, a exposição apresentou o balanço das vidas das pessoas negras que chegaram a Bogotá, por meio das explorações de seus anseios, nostalgias relacionadas ao passado. Nos relatos dos depoentes, evidencia-se a percepção que tinham de Bogotá como um lugar de projeção de uma vida familiar com maior harmonia e um futuro exitoso para seus descendentes.



Figura 6: Balanço, Carmen Serna Velésquez e seu filho Julio Antonio Copete
Fonte: (PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, 2013)

Nas colocações de Basilia Balanta, Carmen Serna, Leonor Escobar, e do senhor Libardo Arriaga são perceptíveis os novos vínculos realizados e fixados na capital, ao passo em que, os vínculos das cidades de origem destas pessoas iam se perdendo. Além das falas, a figura retrata um momento social, uma provável festa de aniversário.

As falas mostram como as pessoas foram criando laços e novas raízes, passando a pertencer ao novo ambiente.

[Minha experiência em Bogotá é] uma satisfação muito bela. [...] Quero muito Bogotá. Não quero ir para nenhuma parte, uma cidade bastante bonita; aqui estudei, me casei, tive experiências, desde os 15 anos de idade [...]: Para mim Bogotá me deu muitas coisas [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 96.).

Carmen Serna:

[...] Dou graças a Deus: se eu tivesse ficado lá [em Chocó], não teria conseguido chegar onde cheguei. Sem dúvida, não teria conseguido e não teria influenciado outras mulheres a fazerem o que eu fiz. Eu lhes dizia: Vão e me superem! [...] [Voltar para Chocó] não está nos meus planos, porque neste momento o que tenho é o meu filho, ele me cativa e tenho-o aqui. [...] Para que me vou para lá? [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p. 100).

Leonor Escobar, (p. 100) também, como um não lugar de terem que se reinventarem em cima de suas expectativas.

[Minha vida em Bogotá] tem sido positiva [...] aqui temos raízes (...) [Para mim] significa muito, porque aqui consegue-se o que precisa, ainda que não é a terra de ninguém, consegue trabalhar, estudar e viver [...] e se uma pessoa vai ao povo de outro, sente-se diferente, não conhece nada e não lembra de nada. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.100)

Libardo Arriaga:

Acredito que o que poderia fazer já foi feito, mas como tenho me dedicado à leitura e à escrita, por mais que possui duas obras a serem publicadas, Chocó terra firme, que está mencionada em algum dos meus livros [...] e outro, é sobre as origens do povo chocoano [...]. (ANGOLA; WABGOU, 2015, p.102).

A exposição foi composta pelos seguintes elementos:

- a) 50 fotografias emprestadas de famílias de pessoas negras;
- b) 25 vídeos que continham fragmentos de conteúdo discursivos das pessoas entrevistadas;
- c) por uma memória fotográfica que exhibe uma seleção de imagens das pessoas mencionadas com breves descrições sobre elas;
- d) um livro de pesquisa que apresenta os resultados analíticos dos discursos recorridos.

Quanto à expografia, o formato da sala era retangular, as paredes de cor cinza, o piso de madeira, não havia uma luz total na sala, apenas focos específicos. Nas paredes das salas havia os textos dos eixos temáticos e com uma luz direta nos textos, e três televisores. No meio da sala, estavam distribuídos caixas de luzes. (Figura 7, 8)



Figura 7: Fotografia da sala do meio da exposição
Fonte: (CASTELL, 2018)



Figura 8: Fotografia da entrada da exposição
Fonte: (DIA, 2014)

Pelas imagens da exposição, observa-se a divisão de dois ambientes. No primeiro, a entrada da exposição, onde contém painéis introdutórios e apresentação das 25 pessoas que deram as entrevistas. O segundo espaço, separado por um divisor ambiente, corresponde à apresentação dos seis eixos temáticos, é aqui onde há as caixas de luzes e os televisores; no final da sala há um painel grande com uma fotografia (Figura 09).

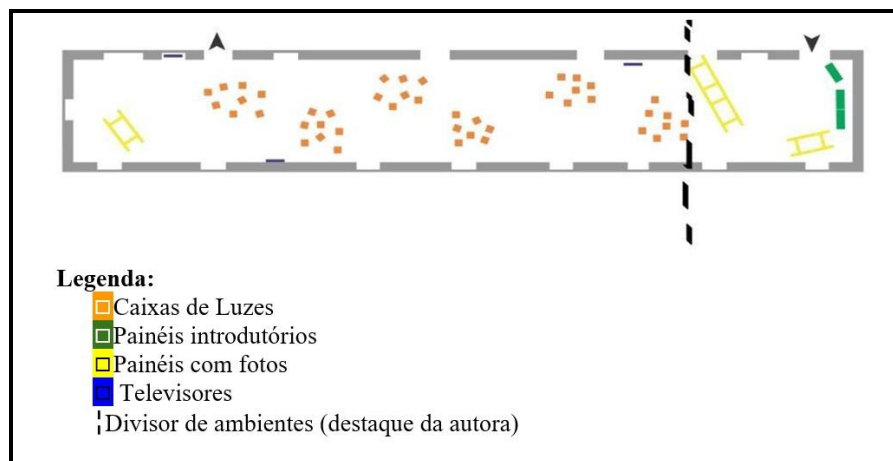


Figura 09: Expografia em 2D
Fonte: (ARIAS, María Paula *et alia* 2018.)

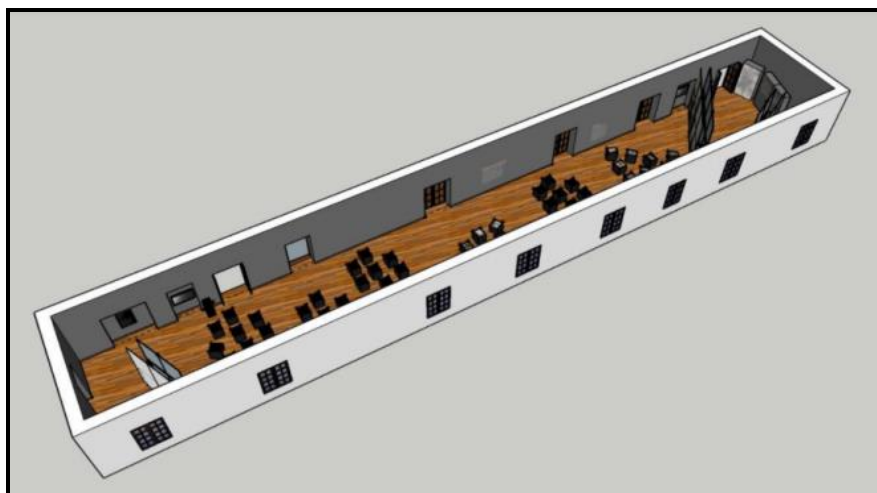


Figura 10: Expografia em 3D
Fonte: (ARIAS, María Paula *et alia*, 2018.)

A curadoria da exposição foi composta pelas seguintes áreas na exposição e funções das pessoas que participaram do processo:

- Direção de Publicação: Edmon Castell;
- Coordenador de Equipe da Comunicação: Felipe Flórez;
- Desing Editorial: Zamir Bermeo;

- Design de Identidade: Carlos Diazgranados Cubillos;
- Textos: Maguemati Wabgou, Mercedes Angola e Alberto Fernadéz; e Correção de Estilo: Diana González.

3.1 Avaliação técnica sobre a expografia

Realizei uma entrevista com Carlos Diazgranados Cubillos em 27 de junho de 2018. A exposição foi um projeto acadêmico da Universidade realizada a partir de uma pesquisa dos professores negros Mercedes Angola e Maguemati Wabgou, que tinha como objetivo saber das imagens dos afros colombianos em Bogotá. Os professores queriam fazer o trabalho com as pessoas negras que foram pioneiras na chegada da capital. Tendo em vista que, Bogotá é uma cidade que possui migrantes de várias partes do país e que vem por vários motivos, porém estes professores queriam saber os motivos que originam estas pessoas a chegarem a Bogotá.

Em um trecho importante sobre o processo de migração, Carlos Diazgranados Cubillos apresenta sobre Bogotá ser um lugar de construir raízes: Sempre me lembro dessa exposição à contribuição que foi dada também à comunidade o reconhecimento que é dado à comunidade de Bogotá, e especialmente, a essas pessoas que, como no meu caso na região e aqui formamos nosso lugar permanente. Então, parece um grande reconhecimento a de como formar uma cidade? Como foi um capítulo muito importante para reconhecer. Como continuar cultivando tradições no meio de um contexto tão diferente dos costumes originais da comunidade Afro? Permanecem fora de suas fronteiras para que pouco a pouco, a tradição depende do território, mas também depende das pessoas que o carrega, essa cultura em sua tradição e em seu corpo em seus gestos.

Quanto à expografia, a intenção foi oferecer um percurso escuro, de forma a isolar as luzes de fora e deixar apenas focos de luzes nos textos e nas fotografias, para que os visitantes estivessem em um espaço íntimo.

O campo conceitual proposto foi muito forte, as fotografias estavam em equilíbrio de gênero, já que dos entrevistados foram mais homens que mulheres, mas na expografia buscou-se o equilíbrio.

Visando a participação das entidades afros de Bogotá, e mais acesso de estudantes, foi realizado o programa de *Ida y Volta*, chegando inclusive, até a região de Tumaco, em Narinho, que não tinha uma estrutura física museográfica nos mesmos

moldes da Universidade Nacional. A exposição foi adaptada, com a plotagem das fotos em dez muros, adaptando as caixas de luzes para caixas plásticas com letras.

Na entrevista realizada com Mercedes Angola, em 08 de janeiro de 2019, foram abordados como a proposta da exposição e da pesquisa. O professor Maguemati, que trabalha com o tema da Migração e Desterritorialização, na Faculdade de Direito da Universidade, uma vez havia lhe perguntado sobre como os pais dela chegaram a Bogotá, porque eles são da Costa Pacífica, e que ele estava interessado em saber sobre a migração de Bogotá. Assim, o professor propôs que eles trabalhassem em projeto sobre a geração da época que os pais de Mercedes chegaram a Bogotá, aproveitando que eles ainda estavam vivos e podiam falar sobre a experiência migração.

Mercedes enfatizou de que maneira ela idealizou a exposição, partindo do princípio que é uma pessoa negra e urbana, evidenciou que havia existido uma população negra urbana anteriormente, mas que não tinha visibilidade, dentro dos imaginários urbanos de Bogotá, então para ela, a chave era esta. Porque ela afirmava que tendo nascido em Bogotá, filha de pais migrantes. A exposição também deixou a existência de uma geração de afrocolombianos nascidos em Bogotá, que não somente as regiões das Costas, do Pacífico ou do Caribe tem populações afro.

Na entrevista realizada com Edmon Castell em 04 de julho de 2018, foi explicitado que a exposição fez parte do montante de 160 montagens realizadas pelo projeto da Universidade Nacional da Colômbia, antes chamado de “Sistema de Patrimônio e Museus” (SPM), o entrevistado foi o diretor desse projeto de pesquisa. Para o professor, uma das dificuldades para a realização da exposição foi a ausência de precedentes expográficos na Universidade, que falassem sobre os afrocolombianos. Ou seja, para a curadoria o ineditismo foi um desafio.

A exposição trabalhou com eixos temáticos. No início, teve grande repercussão, chegando-se a levantar a possibilidade de itinerância, foi levada para outras cidades, com seus municípios como realmente aconteceu em Tumaco. Trouxe uma dimensão política sobre outro tipo de interação com comunidades negras de municípios do sudoeste da Colômbia, como o Departamento de Narinho.

Edmon coaduna com Carlos ao afirmar que um dos pontos fracos foi à falta de continuidade. Assim, o que mudaria nas próximas exposições seria acrescentar objetos tridimensionais e não apenas dimensionais, como as fotografias, painéis com fotos e aparelhos midiáticos. Por fim, *Presencia Negra* falava de uma invisibilidade que era o que queriam reconhecer.

Na entrevista realizada com William López em 04 de julho de 2018. Foi o único dos entrevistados que não fez parte da organização da exposição, porém por ser diretor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Gestão do Patrimônio (Mestrado), acompanhou de perto os processos de estruturação do projeto. Para ele, a exposição trabalhou, como um documento histórico, a fotografia que ressalta um elemento estético muito forte dentro da construção do discurso. Outro fator relevante foi a capacidade de negociação que estes sujeitos tem em chegar ao novo, às realidades antropológicas e sociais. Assim, como a capacidade de resiliência que estavam firmadas nos horizontes vitais em que essas pessoas abriram em algum momento, suas particularidades.

3.2 *Repercussões gerais acerca da obra*

Dentre das repercussões da exposição vale salientar que duas dissertações do Programa de Mestrado (U. Nacional) estudaram aspectos da mesma. A dissertação do museólogo Carlos Cubillos Diazgranados, realizou um estudo de público através do livro de assinaturas:

A exposição foi aberta 11 meses (334 dias), durante o qual um primeiro livro foi concluído com comentários quando ainda havia 4 meses para o fim da amostra. Portanto, há dois livros de visitas à exposição, um concluído e outro foi utilizado em 50%, para um total de 305 páginas usadas nos 2 volumes. Foram realizadas 860 observações (incluindo texto, gráficos, desenhos, assinaturas, entre outros textuais e demonstrações gráficas). Poderíamos dizer, então, que em média, foram feitos 2,7 comentários por página e 2,6 comentários por dia, portanto, ao dia, se consumiram 0,9 páginas do livro, em média. Estes dados dão uma ideia superficial da dinâmica e fluxo de visitantes de intervenção com o dispositivo e a exposição também presumindo que houve um fluxo constante de público e a instituição permaneceu aberta, e há fatores que alteram esses números, o primeiro meses mais visitantes entram na exposição como há uma forte atividade de trabalho de divulgação e sensibilização, com atividades paralelas, tais como palestras, exibição de filmes, palestras, entre outros, que deram suporte à exposição. (DIAZGRANADOS CUBILLOS, 2015, p. 20).¹⁶

A segunda dissertação foi de Clara Victoria Forero Murillo, com o título *Aproximación al patrimonio fotográfico: tres acciones participativas - Componente Conceptual*, que tem como foco a fotografias de álbuns familiares, em que a presente exposição aqui analisada, também é parte do objeto de estudo de Forero Murillo.

¹⁶ Tradução nossa do original: “La exposición estuvo abierta 11 meses (334 días), tiempo durante el cual un primer libro se completó con comentarios, cuando aún faltaban 4 meses para el cierre de la muestra. Por lo tanto hay dos libros de visita de la exposición, uno completado y el otro que se utilizó en un 50%, para un total de 305 páginas utilizadas, en sumatoria de los 2 volúmenes. Se realizaron 860 comentarios (entre textos, gráficos, rayones, dibujos, firmas, entre otras manifestaciones textuales y graficas). Podríamos decir entonces que en promedio se hicieron 2,7 comentarios por página, y 2,6 comentarios por día, por lo tanto al día se consumió 0,9 páginas del libro en promedio. Estos datos dan una idea superficial de la dinámica y flujo de intervención de los visitantes con el dispositivo y con la exposición, presumiendo además, que hubo una entrada constante de público y la institución permaneció abierta, además hay factores que alteran estas cifras, los primeros meses de la exposición ingresan más visitantes ya que hay un trabajo más fuerte de divulgación y extensión con actividades paralelas que apoyan la exposición, como charlas, ciclos de cine, conversatorios, entre otras.”. (DIAZGRANADOS CUBILLOS, 2015, p. 20).

Vinte e cinco pessoas participaram do projeto e compartilharam com eles [Mercedes e Maguemati] seus álbuns de família e seus testemunhos sobre sua migração para Bogotá [...]. Em suas fotos estão elementos comuns, como locais de trânsito que tiveram grande importância no contexto social e político, como a Avenida Séptima. Nestas décadas, era comum que os fotógrafos percorriam da *Carrera Séptima* até *Plaza Bolívar* em busca de pedestres que transitavam por ali, estes tiravam uma foto em preto e branco, levavam com eles um papel com a referência do estúdio de fotografia/revelação, em que poderiam comprá-la. Essas fotos apresentam a importância do centro da cidade como lugar de encontro, assim como a composição das próprias imagens, em que se vem caminhando pelas ruas, se mostrarem com naturalidade e não parar para posar, essa prática de tirar fotos na multidão exigia habilidade do fotógrafo para identificar os códigos da época, em que se arriscava a tirar fotos de pessoas estranhas e manter a esperança de que elas voltariam pelas imagens. (FORERO MURILLO, 2014, p. 28-29).¹⁷

Uma importante atividade foi realizada em 2018, após o meu regresso do intercâmbio: fui informada que um grupo de mestrandas (os) do curso de Museologia e Gestão de Patrimônio da Universidade Nacional, em uma disciplina apresentaram um trabalho sobre como refazer exposições, sendo esta incluída para o experimento, através de informações e materiais já existentes no arquivo da instituição.

Durante a exposição canais de televisão fizeram reportagens, canais no *Youtube*, como também em sites eletrônicos, a exemplo do *Revista Semana*, que mostra entrevista com os curadores Maguemati e Mercedes, que tratam sobre alguns processos da pesquisa e da exposição. Nesse meio, o professor Maguemati salienta que se buscava evidenciar a presença negra em Bogotá, para isso buscaram fotos onde pudesse ver essas pessoas negras nas ruas e em espaços públicos, como a Praça Bolívar e a Séptima (rua/avenida). Outro ponto são as dificuldades de encontrar mulheres negras que migraram para Bogotá e também de pessoas com a faixa de idade de 80 anos, fora as que não conseguiam recordar dos momentos em que chegaram a Bogotá.

¹⁷Tradução nossa do original: “Veinticinco personas se vincularon al proyecto y compartieron con ellos [Mercedes e Maguemati] sus álbumes familiares y sus testimonios sobre su migración a Bogotá. [...] En sus fotos se encuentran elementos comunes, como sitios de tránsito que tuvieron gran importancia en el contexto social y político, como por ejemplo la carrera Séptima. Era habitual que los fotógrafos de estas décadas recorrieran a carrera Séptima desde la Plaza Bolívar en busca de transeúntes que luego volvían por el registro de su paso por estos lugares. Esta fue una práctica propia de estas décadas en la que los habitantes y los turistas se tomaban una fotografía en blanco y negro y se llevaban consigo un papel con la referencia del laboratorio fotográfico donde la podían comprar. Estas fotos muestran la importancia de la zona del centro de la ciudad como lugar de encuentro en esas décadas, además de la composición propia de estas imágenes, en donde se ven caminando por las calles, para mostrarse con más naturalidad y no detenerse para posar, esa práctica del callejeo llena de los códigos de la época y de la destreza del fotógrafo que tenía que arriesgarse a fotografiar extraños transeúntes con la esperanza que volverían por sus imágenes.” (FORERO MURILLO, 2014, p. 28-29).

A professora Mercedes Angola relata que ao encontrar as pessoas era difícil convencê-las da credibilidade do projeto, para que elas pudessem contar sobre as etapas da migração, tendo em vista que são algo necessário para a preservação de suas memórias as futuras gerações.



Figura 11: Site *Semana* com divulgação da Exposição *Presencia Negra...*
Fonte: (PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, 2013)

Ainda no Youtube (acessado em janeiro de 2019), se encontra uma divulgação da exposição, em que Yancy Castillo, de uma emissora de televisão intitulada *Canal Capital*, apresenta relatos dos curadores. Maguemati enfatiza que a presença negra na capital não provém apenas dos finais das décadas de 80 e 90, sobretudo pela migração proveniente dos conflitos armados, já que este é um imaginário da população de Bogotá.

Mercedes complementa que a exposição se relaciona com a sua vida, porque é uma pessoa negra que nasceu em Bogotá. A intenção foi diversificar os imaginários urbanos, por isso que é importante visibilizar os afrocolombianos que nasceram em Bogotá e os que ficaram dos períodos de migração tratados na exposição.



Figura 12: Vídeo de entrevista ao professor Maguemati para o Canal Capital
Fonte: (CASTILLO, 2013)



Figura 13: Exposición no prédio da Faculdade de Ciências Humanas da Unal – Sede: Bogotá
Fonte: (CASTELL, 2018)

O site El Espectador (figura 14) contém em média umas três reportagens sobre a exposição, uma das matérias foi realizada por Jaime Arrocha, considera a exposição como uma ação afirmativa da Universidade Nacional da Colômbia, após o marco político da Reforma Constitucional de 1991, mencionada na introdução deste trabalho.



Figura 14: Matéria de Opinião - Jaime Arrocha
Fonte: (AROCHA, 2017.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das facetas mais extraordinárias da Museologia está, exatamente, no oferecimento de possibilidades concretas para a visualização de elementos materiais que compõem memórias e histórias que em sua maioria se encontram no campo das imaterialidades. No caso desta exposição, percebemos a articulação interdisciplinar entre o campo sociológico e das artes visuais, na composição de uma narrativa histórica.

Um dos recursos utilizados na expografia em análise foi a apresentação equilibrada de narrativas fotográficas e textuais, com muitos elementos visuais, o que garantiu que não se tornasse algo cansativo para os visitantes. Assim, a exposição, buscou passar para o público, através do conteúdo uma experiência dinâmica, leveza e conforto. Destaca-se a importância dos registros de arquivo do Programa de Mestrado, que me possibilitou analisar uma exposição temporária fora do seu tempo de exibição.

Percebe-se em algumas falas das entrevistas, que a cidade de Bogotá é um local de oportunidades, tanto acadêmico, como profissionais liberais. Esses influenciaram sistematicamente na construção social. Ao longo dos seis eixos, nota-se que as pessoas não se veem em outros locais que não seja a capital urbana.

Se pudéssemos fazer uma articulação entre os estudos decoloniais e a exposição, seria no tocante ao seu ineditismo em apresentar à sociedade colombiana a sua face afro, que para o senso comum estava restrita às Costas Pacífica e Atlântica, ou às migrações relativas aos deslocamentos de populações causados pela guerrilha dos anos 1980 e 1990. Determinadas falas apresentadas na exposição remetem ao enfrentamento de opiniões, muitas vezes naturalizados, do racismo estrutural, como o caso da estudante de Odontologia, que seu professor sugerira que a mesma buscasse uma carreira mais fácil, como se as pessoas negras não fossem capazes, que restava para elas somente carreiras com menos *status* social. Resquícios da mentalidade colonial, do que Quijano chama de permanência da “colonialidade do poder, saber e ser”. A exposição, mesmo não utilizando a categoria decolonial como marco teórico, conseguiu expressar argumentos que remetem a uma análise decolonial, foi o que este trabalho de conclusão de curso tentou aqui expressar.

Outra categoria que utilizamos para a análise da exposição, além da decolonialidade, foi a Sociomuseologia ou Museologia Social; neste aspecto, também chegamos à conclusão que, mesmo sem uma adesão explícita a este campo conceitual, a exposição trilhou caminhos que se afinam às práticas sócio-museológicas que oferecem

possibilidade de visibilidade para setores sociais silenciados e/ou invisibilizados socialmente, neste caso, as pessoas negras como sujeitos - históricos de uma Bogotá que se achava branca.

Mesmo diante das limitações da pesquisa, e com a escassez do tempo necessário foi possível realizar esse estudo, que tem suas incompletudes, mas mesmo assim pode apontar para o seu aprofundamento noutra instância de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOLA ROSSI, Julia Mercedes; WABGOU, Maguemati. **Llegamos a Bogotá: décadas 1940, 1950, 1960**. 1ª edição. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia (sede Bogotá). Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Instituto Unidad Investigaciones Jurídico-Sociales Gerardo Molina (UNIJUS), 2015. 124 páginas: ilustraciones, fotografías, retratos. (Colección Coyuntura, serie Política; n. 2)

ANJOS, R. S. A. **Cartografia e Quilombos: Territórios Étnicos Africanos no Brasil** - Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP). *AFRICANA STUDIA*, Nº 9, 2006. p. 337-35.

ARIAS, María Paula; CORTÉS, Isabel; ORTIZ, María Luz; RIAÑO, Johanna; RODRÍGUEZ, Viviana; VELASCO, Julia Elena; VILLAMIL, Héctor. **Reconstrucción Museográfica: Presencia Negra en Bogotá (1940-1960)**. Trabalho de grupo da disciplina de *Diseño de Exposiciones I* ministrada pelo professor Edmon Castell na Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia, 2018. 73 páginas. (no prelo)

AROCHA, Jaime. Aquí no escapa, **El Espectador**. Bogotá - Colômbia, 28 ago. 2017. Opinión. Disponível em: <https://www.elespectador.com/opinion/aqui-no-escampa-columna-710319>. Acesso em jan. 2019.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Direitos étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridização, segmentação e mobilização política de índios e negros**. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 93-123, nov. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832000001400005>.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: janeiro 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Soc. estado**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24 abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>.

CASTELL, EDMON. SOBRE LA EXPOSICIÓN PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ. Mensagem recebida por e-mail: ecastellg@unal.edu.co. em 26 de mai de 2018. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&pli=1#search/ecastellg%40unal.edu.co/FMfcgxvwzJBINSgJFmZncNISJhQPLljr>. Acesso em: mai. 2018.

CASTILLO, Yancy. Yancy Castillo informa acerca de la exposición Presencia Negra en Bogotá. **Youtube**, 21 nov.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CrwXG6lKfFc>. Acesso em: jan. 2019.

COLÔMBIA. Constituição (1991). **Constituição política da Colômbia de 1991**.

_____. Lei 70 de 1993.

COMBARIZA, Marta; LÓPEZ, William; CASTELL, Edmon. **Museos y museologías en Colombia: Retos y perspectivas**. In: Colección Cuadernos de museología. Universidad Nacional de Colombia, Sede Bogotá, Dirección de Museos y Patrimonio Cultural. Primera edición, Bogotá D. C., 2014.

CÓRDOBA, Amir Smith. Cultura negra y avassallamiento cultural. In: **Descolonizando mundos: aportes de intelectuales negros y negros al pensamiento social colombiano**. CAICEDO, José et al (org). CLACSO, 2017.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, Brasília, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 15-24, dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/estado/article/view/19896/14105>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia decolonial e epistemologias do Sul. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 306-333, dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18518>. Acesso em: 04 jan. 2019. doi:<https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p306-333>.

DIA. Hasta marzo se puede apreciar la exposición “Presencia Negra en Bogotá” en el Claustro de San Agustín ¡Entrada libre!. **Twitter**: @dbanquez. 16 de jan de 2014. Disponível em: <https://twitter.com/dbanquez/status/423833962469789696>. Acesso em jan. 2019.

DÍAZ Balerdi, Ignacio (España); **Paradojas conceptuales; Paradojas del sujeto**, en la memoria fragmentada. El Museo y sus Paradojas, Ediciones Trea, España, 2008, pp. 17-30 y 99-134.

DIAZGRANADOS CUBILLOS, Carlos Nicolás. **Los libros de visita, herramientas para conocer los públicos**. (Dissertação) Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. 2015. 197 p. Disponível em: <http://bdigital.unal.edu.co/50472/1/80076246.2015.pdf>. Acesso em: dez. 2018.

DUSSEL, Enrique (2000). “Europa, modernidad y eurocentrismo”, em LANDER, Edgardo (coord.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso.

FORERO MURILLO, Clara Victoria. **Aproximación al Patrimonio Fotográfico: Tres Acciones Participativas**. Maestría, thesis (Dissertação). Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. 2014. 150 p. Disponível em: <http://bdigital.unal.edu.co/40122/> acesso em: jan. 2019.

FREITAS, Joseania Miranda. **O carnaval afro-brasileiro em Salvador: patrimônio da cultura brasileira**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILÊNIO. Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (CES - FEUC), Coimbra, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel61/JoseaniaFreitas.pdf>. Acesso em: jan. de 2019.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et all]. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LLANOS MOLINA, Santiago Alberto. **Espacios de la Museología en Bogotá: La Comunidad, El Museo Y El Archivo**. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de artes, Maestría en museología y gestión del patrimonio. Bogotá, 2015.

- LONDOÑO, Hernando Andrés Pulido. **Violencia y asimetrías étnicas. Multiculturalismo**, debate antropológico y etnicidad de los afrocolombianos (1980-1990). **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, n. 11, July-December 2010, p. 259-280. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/antipoda11.2010.13>. Acesso em: fev. 2019.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Ed: 1, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra). p. 27-53.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel*. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. 308 p.
- MARQUES, Patrícia de Barros. **Educação escolar quilombola e etnoeducação palenquera: educação dos povos negros pelos povos negros em Conceição das Crioulas e Nariño (Brasil e Colômbia)**. Universidade de Brasília (Unb); Centro De Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam); Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade E Cooperação Internacional (Ppgdsci). Tese de Dissertação de Mestrado. Brasília - DF, 2018. p.1-130.
- MIGNOLO, Walter D. (2010). **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del signo.
- MIGNOLO, Walter D.; Traduzido por: Norte, Ângela Lopos. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, p. 287-324, 2008.
- MOSQUERA, Claudia; PARDO, Mauricio; HOFFMANN, Odile. **Afrodescendientes en las Américas: trayectorias sociales e identitarias. 150 años de la abolición de la esclavitud en Colombia**. Universidad de Colombia, 2002.
- MOUTINHO, Mário Canova. **SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL. Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 1, n. 1, mai 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- PEREIRA, Marcele Regina. **Museologia Decolonial: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal. Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 55, n. 11, jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6369>. Acesso em: dez. 2018.
- POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. **Classificar e ordenar: Os gabinetes de curiosidades e a história natural**. In: FIGUEIREDO, B.G. VIDAL, D. G (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*, p. 151-162. Belo Horizonte; Brasília Argumentum CNPq. 2005.

PRESENCIA NEGRA EN BOGOTÁ, **Semana**, Bogotá – Colômbia, 19 nov. 2013. Multimedia. Disponível em: www.semana.com/cultura/multimedia/presencia-negro-bogota/365123-3. Acesso em: jan de 2019.

PRIETO PÁEZ, L. Entre rieles y asfalto. Bogotá, transporte y vida urbana: 1938-1954. **Universitas Humanística**, v. 85, n. 85, 29 jun. 2018, pp. 59-100. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/22471> Acesso em: fev. 2019.

PRIMO, Judite. PENSAR CONTEMPORANEAMENTE A MUSEOLOGIA. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 16, n. 16, jun 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em: 08 jan. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global /* compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. 308 p.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras.** *Paidéia* r. do cur. de ped. da Fac. De Ci. Hum., Soc. e da Saú., Universidade Fumec. Belo Horizonte. Ano 8, n. 11, p. 31-52, jul/dez 2011. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1308>. Acesso em: jan. 2019.

RODRÍGUES MORALES, Margarita Maria. La invisibilidad estadística étnico-racial negra, afrocolombiana, raizal y palenquera en Colombia. **Trabajo Social**. N.12, jan-dec. 2010. P. 89 – 99. Bogotá. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/tsocial/article/view/18970>. Acesso em: dez. 2018.

SANDOVAL, Sergio Andrés. **Legados artísticos e culturais afro-colombianos: em memória de Delia, Juan e Manuel Zapata Olivella.** In: SANSONE, Livio (Org.). *A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas.* Salvador: EDUFBA, 2012. 352 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7017/4/a-politica-do-intangivel-repositorio.pdf> Acesso em: jan. 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. POLÍTICAS DA MEMÓRIA NA CRIAÇÃO DOS MUSEUS BRASILEIROS. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 19, n. 19, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/369>. Acesso em fev. de 2019.

SILVA, Joana Angélica Flores. **A representação das mulheres negras nos museus de Salvador: uma análise em branco e preto.** (Dissertação) 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18548>. Acesso em: jan. 2019.

WALSH, Catherine. **¿Son posibles unas ciencias sociales/culturas otras?** Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. Universidad Central. Bogotá, Colombia. *Nómadas* (Col), num. 26, 2007, p. 102-113. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1051/105115241011.pdf>. Acesso em: jan. 2019.

WADE, Peter. **Gente negra: nación mestizo.** Medellín: Uniandes, 1997.

APENDICE

APÊNDICE A - Autorização de entrevista de Mercedes Angola (via vídeo conferência)



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Carrera de Museologia

AUTORIZACIÓN MANEJO DE INFORMACIÓN

Yo (nombre del/de la entrevistado(a)).....JULIA MERCEDES ANGOLA ROSSI
 con nacionalidad...COLOMBIANA.....
 estado civil...UNIÓN LIBRE..... y profesión...ARTISTA DOCENTE.....
 identificada con el número de cédula de ciudadanía (Número de Pasaporte para extranjeros)
PE097720..... autorizo a THANITY ANDRADE
 estudiante de la **Carrera de Museología** de la Facultad de Ciencia de la Información de la
 Universidad de Brasília, a que realice grabaciones, **exclusivamente**, y haga uso de la información
 declarada por mi, para la elaboración de su Trabajo de Conclusión de Grado, que tiene como título

y está siendo orientada por el/la Profesor (a)
 matrícula.....

Colombia, Bogotá, 9 de Enero de 2019.

Mercedes Angola

Firma del/ de la entrevistado(a)

APÊNDICE B - Autorização de entrevista de Carlos Diazgranados Cubillos




Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Carrera de Museologia

AUTORIZACIÓN PARA EL MANEJO DE INFORMACIÓN

Yo (nombre del/de la entrevistado(a)) Carlos Diazgranados Cubillos
de nacionalidad Colombiana, estado civil Unión libre y
profesión Museólogo, identificado/a con número de ciudadanía
(Pasaporte para extranjeros) AP972195, autorizo a **Thanity Silva de Andrade**,
estudiante de la **Carrera de Museología** de la Facultad de Ciencia de la Información de la
Universidad de Brasília, a que realice grabaciones, y haga uso de la información declarada por mi,
para la elaboración de su Trabajo de Conclusión de Grado, que tiene como título
Memórias da Decolonialidade? Algumas Problematizações sobre a exp
Sição Presença Negra em Bogotá 1940-1980 que está siendo orientada por el/la Profesor (a)
Clóvis Carvalho Britto, matrícula 1109685.

Colombia, Bogotá, 4 de julio de 2018.


Firma del/de la entrevistado(a)

APÊNDICE C - Autorização de entrevista de Edmon Castell



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência de la Información
Carrera de Museología

AUTORIZACIÓN PARA EL MANEJO DE INFORMACIÓN

Yo (nombre del/de la entrevistado(a))..... Edmon CASTELL
de nacionalidad..... COLOMBIANA estado civil..... casado y
profesión..... Geógrafo / Museólogo identificado/a con número de ciudadanía
(Pasaporte para extranjeros) AP494501, autorizo a **Thanity Silva de Andrade**,
estudiante de la **Carrera de Museología** de la Facultad de Ciencia de la Información de la
Universidad de Brasília, a que realice grabaciones, y haga uso de la información declarada por mi,
para la elaboración de su Trabajo de Conclusión de Grado, que tiene como título
Memórias da Decolonialidade? Algumas Problematizações sobre a ex-
posição 'Presença negra em Bogotá 1940-1960' que está siendo orientada por el/la Profesor (a)
CLOVIS Carvalho Britto matrícula 1109685

Colombia, Bogotá, 4 de julio de 2018.

(msl)

Firma del/ de la entrevistado(a)

APÊNDICE D - Autorização de entrevista de William Lopes



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência de la Información
Carrera de Museología

AUTORIZACIÓN PARA EL MANEJO DE INFORMACIÓN

Yo (nombre del/de la entrevistado(a)) William Lopes Lopez Roman
de nacionalidad Colombiana, estado civil casado y
profesión Interventor del arte identificado/a con número de ciudadanía
(Pasaporte para extranjeros) PE 120654, autorizo a **Thanity Silva de Andrade**,
estudiante de la **Carrera de Museología** de la Facultad de Ciencia de la Información de la
Universidad de Brasília, a que realice grabaciones, y haga uso de la información declarada por mi,
para la elaboración de su Trabajo de Conclusión de Grado, que tiene como título
Memórias da Decolonialidade? Algumas Problematiza-
ções sobre a exposição 'Presença negra em Bogotá 1940-1960' que está siendo orientada por el/la Profesor (a)
Clóvis Carvalho Britto, matrícula 1109685.

Colombia, Bogotá, 4 de julio de 2018.

Firma del/ de la entrevistado(a)